,m

Universidade de São Paulo

Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Trabalho de Iniciação Científica

O papel da contextualização histórica no processo de tradução da sentença judicial contra os irmãos Scholl

Orientanda:

Renata Benassi

Orientador:

Professora Dra. Juliana Pasquarelli Perez

Professora Dra: Tinka Reichmann

São Paulo, março de 2011

Sumário

[1.Introdução 2](#_Toc289286968)

[2. Objetivos 4](#_Toc289286969)

[3. Metodologia de pesquisa 4](#_Toc289286970)

[4. Pressupostos teóricos 5](#_Toc289286971)

[4.1 Tradução de linguagem de especialidade 8](#_Toc289286972)

[5. Contexto 9](#_Toc289286973)

[5.1 Rosa Branca 10](#_Toc289286974)

[5.2 Tribunal do Povo 15](#_Toc289286975)

[5.3 A Linguagem do Terceiro Reich 16](#_Toc289286976)

[6. Cinema e História 19](#_Toc289286977)

[6.1 O filme *Die Weiβe Rose* 20](#_Toc289286978)

[6.1.1 Processo de pesquisa do tema 20](#_Toc289286979)

[6.1.2 O filme 21](#_Toc289286980)

[6.1.3 A reação desencadeada pelo filme 23](#_Toc289286981)

[7. Análise da sentença 24](#_Toc289286982)

[8. Tradução 25](#_Toc289286983)

[9. Comentários sobre a tradução 30](#_Toc289286984)

[10. Conclusão 34](#_Toc289286985)

[11. Referências Bibliográficas 36](#_Toc289286986)

[12. Anexos 39](#_Toc289286987)

[Anexo I: Sentença original contra os irmãos Scholl e Probst 40](#_Toc289286988)

[Anexo II: Fichamentos 43](#_Toc289286989)

[Anexo III: Traduções 60](#_Toc289286990)

# 1.Introdução

Sabe-se que durante o regime nacional-socialista havia grupos de resistência ao governo de Hitler. Esses grupos eram formados com diferentes propósitos, por isso, as ações de cada um deles também eram bem distintas uma das outras. Existiram grupos com planos e ações mais ofensivas para retirar Hitler do poder, assim como houve grupos que apenas se encontravam para discutir o que deveria ser feito quando o nazismo chegasse ao fim.

No presente trabalho, nos deteremos no grupo de resistência contra Hitler *A* *Rosa Branca*, o qual era formado por jovens universitários de Munique. Traduziremos a sentença judicial de 1943 contra três dos integrantes desse grupo, Christoph Probst, Hans e Sophie Scholl, em que foram condenados à morte. Essa sentença encontra-se no livro *Die Weiβe Rose*, de Inge Scholl, irmã de Hans e Sophie. No livro é narrado um pouco da vida e do destino desses jovens que ousaram contestar as idéias propagadas pelo regime nacional-socialista.

O grupo *Rosa Branca* era formado, essencialmente, por cinco jovens universitários e por seu professor de filosofia. Esses descontentes com rumo que o governo de Hitler havia tomado decidiram alertar a população do que acontecia a sua volta, por isso, começaram a escrever e distribuir panfletos contra a guerra e a ideologia nazista. Entretanto, em 18 de fevereiro de 1943, os irmãos Scholl e Christoph Probst foram presos. Em 22 de fevereiro, os três amigos foram julgados e condenados à morte; a execução aconteceu no mesmo dia.

O livro de Inge Scholl foi escrito após a Segunda Guerra e publicado em 1955, ao longo dos anos a autora acrescentou alguns documentos, para complementar seu relato e tornar as atividades do grupo mais conhecidas do público. Nesse livro, encontramos os seis panfletos, as sentenças dos principais membros do grupo *Rosa Branca* e o depoimento de algumas pessoas sobre esse grupo de resistência.

A compreensão do texto de partida é facilitada por meio da contextualização histórica e maior conhecimento do tema, o que é essencial para a tradução. É através de muita pesquisa que o tradutor obtém mais subsídios para as suas interpretações e escolhas. Como este texto possui uma grande importância histórica para a Alemanha, cremos necessário contextualizar a sentença antes de traduzi-la. Para tal, nos basearemos em material produzido em três momentos diferentes: período do III Reich, o ano de 1955 com o lançamento do livro de Inge Scholl e os anos 80 com a exibição do filme de Michael Verhoeven.

O livro *LTI*, de Victor Klemperer, irá nos ajudar não só a entender como era a vida do Terceiro Reich, como nos fará refletir o possível sentido de cada palavra usada nesse período, pois o autor, um filólogo judeu que viveu na Alemanha durante o regime nazista, descreve em seu livro publicado em 1947 o significado de termos novos e a alteração de sentido de algumas palavras usadas pelos nazistas.

É importante ressaltar que o filme, além de auxiliar na contextualização histórica do tema, também contribuiu para a contestação das sentenças proferidas pelo chamado “Tribunal do povo” (*Volksgerichtshof*), pois nenhum juiz nazista havia sido levado à frente de um tribunal para se responsabilizar por suas sentenças. Somente através das discussões sobre o filme, desencadeou-se um processo político que culminou na declaração do parlamento alemão sobre a invalidade das sentenças do Tribunal do Povo e sua classificação como instrumento de terror em 1985. Essa declaração política só foi consolidada juridicamente mediante uma lei de 1998.

Observamos que obras como a de Klemperer nos chamam a atenção para o valor ideológico de certas palavras, enquanto o filme e a invalidação das sentenças conscientizaram sobre o processo de revisão histórica alemã. A união desses dois fatores nos auxilia na interpretação e, consequentemente, na tradução de nosso *corpus*.

Por fim, destacamos o fato desse trabalho se propor a traduzir um material histórico inédito para o público brasileiro, o que auxilia na divulgação do texto, pois com a tradução possibilitamos que um número maior de pessoas tenha acesso a essa história. Além disso, vale lembrar que foi justamente a divulgação no cinema deste tema o primeiro passo para uma revisão histórica tão importante.

# 2. Objetivos

O objetivo desta pesquisa é traduzir a sentença judicial proferida pelo juiz Freisler, presidente do Tribunal do povo, contra os estudantes universitários Christoph Probst e os irmãos Scholl, integrantes do grupo de resistência contra Hitler chamado *A Rosa Branca*, em que foram condenados à morte. Entre os diferentes fatores que envolvem uma tradução, ressaltaremos a importância da pesquisa extra-textual, pois como este é um texto histórico, é fundamental contextualizá-lo para melhor compreendê-lo. Mostraremos ao longo deste trabalho como a compreensão do contexto histórico auxilia na interpretação e tradução do texto de partida.

# 3. Metodologia de pesquisa

Para a realização do trabalho de tradução da sentença contra Christoph Probst e os irmãos Hans e Sophie Scholl,usaremos como material principal: o livro organizado por Inge Scholl, *Die Weiße Rose*, de 1955; o filme homônimo ao livro, de Michael Verhoeven, de 1982; e o livro LTI de Victor Klemperer, de 2009, publicado primeiramente em 1947 e traduzido no Brasil em 2009.

Neste trabalho, entre os vários elementos presentes durante uma tradução, nos deteremos na pesquisa extra-textual para entender o contexto histórico em que a sentença foi proferida e o impacto político e jurídico causado nos anos 80 pelo filme de Verhoeven.

Portanto, antes de iniciarmos a tradução, precisamos compreender o texto de partida. Como o texto escolhido trata de um fato histórico extremamente relevante para cultura alemã, uma das atividades que pode nos ajudar nessa tarefa é a pesquisa histórica. Para tal, apresentaremos as principais características e crenças do movimento *Rosa Branca*; estudaremos as principais características e a função do “Tribunal do povo”; analisaremos a importância e a contribuição histórica do filme e nos basearemos no livro do filólogo judeu Victor Klemperer para discutir o “valor” das palavras durante o Terceiro Reich.

Devido ao processo de revisão jurídica desencadeado pelo filme *Die Weiβe Rose*, cremos essencial analisar a sentença, buscando os elementos que levaram o parlamento a invalidar os julgamentos realizados pelo “Tribunal do Povo”. Assim, antes de traduzi-la examinaremos o discurso do juiz Freisler.

De posse desses dados, realizaremos a tradução. Sabendo que o ato de traduzir está relacionado a interpretar e que as escolhas lexicais, semânticas e sintagmáticas apresentadas neste projeto não são as únicas possíveis, faremos um capítulo no qual comentaremos nossa tradução e explicaremos algumas de as nossas escolhas.

Iniciaremos o nosso projeto discorrendo sobre a teoria da tradução, mais especificamente sobre a relação linguagem e cultura e sobre o trabalho de tradução de linguagem de especialidade, pois como o *corpus* consiste de uma sentença judicial é fundamental saber como os teóricos lidam com o tipo de linguagem que encontraremos nesse texto.

# 4. Pressupostos teóricos

A tradução é uma das atividades mais importantes e antigas da humanidade, desde que a escrita foi inventada surgiu a necessidade de traduzir. Apesar disso, somente a partir dos anos 80 deu-se uma importância maior a sua história e iniciaram-se estudos a respeito com parâmetros e métodos adequados (WOODSWORTH, 2006:39).

Aubert (1994:8) afirma que diferentes fatores, tais como os temporais, os linguísticos e os culturais, exercem diversas influências sobre o processo tradutório e, por consequência, sobre o texto traduzido. Um ato tradutório pode ser considerado um novo ato comunicativo.

Jakobson e Mel’chuck (*apud* AUBERT, 1994:12) vêem a tradução primordialmente como uma operação lingüística, uma paráfrase. No entanto, a dimensão lingüístico-textual é apenas um dos aspectos da tradução. Segundo Azenha (1999:22), a noção de que a tradução atua só entre línguas é apenas uma das perspectivas de abordagem para a problemática da tradução. Ele atribui a difusão desse conceito ao fato de que os códigos envolvidos na tradução são elementos condicionantes do processo tradutório.

O trabalho tradutório possui uma multiplicidade de aspectos e o tradutor precisa criar estratégias que lhe ajude a controlá-las. Schleiermacher (*apud* KOLLER*,* 2004:44) acreditava que todo o processo de traduzir parte de uma interpretação, por isso, considerava o momento histórico em que se traduz tão relevante quanto os dois idiomas envolvidos.

A interpretação de um texto tanto original quanto traduzido pode variar, pois cada indivíduo possui a sua visão de mundo, de si mesmo e do outro; são as chamadas relações imagéticas (AUBERT, 1994:24), as quais influenciam muito o ato tradutório. Por exemplo, o papel da mulher varia de acordo com as diferentes sociedades e culturas, um texto pode ser considerado repressor para o público-alvo da tradução e de exaltação feminina na cultura-fonte.

Hönig (2006: 160) escreveu sobre a importância da pesquisa para a compreensão do texto. Ele separa esse processo de compreensão em reflexo e reflexão. O primeiro pode ser entendido como a construção mental e intuitiva das imagens do texto (*frames*), assim como a associação sintagmática das palavras da língua de chegada. Já reflexão seria a busca pelo entendimento do que não se pode compreender intuitivamente. Essa busca geralmente ocorre quando não se consegue construir as imagens no texto, ou se desconhece alguma palavra.

Na maioria dos voluntários de ensaios observados, a reflexão só começa (cf. Kiraly, 1995:72) quando esses reflexos falham (“Eu não conheço o significado dessa palavra”) ou quando não conseguimos transformá-los em uma cena (“Isso não faz sentido”) (Hönig, 2006:160, tradução nossa)

Assim, observamos que para compreender completamente um texto é necessário acionar a fase de reflexão e trabalhá-lo em suas esferas sintagmáticas e semânticas. Segundo Hönig (2006:162), um texto só é suficientemente apreendido quando o leitor/tradutor reconhece os objetivos do autor ao produzir determinado texto para determinado meio de comunicação; portanto, ignorar a pesquisa extra-textual pode provocar problemas na interpretação do texto-fonte.

É muito comum, o sentido conotativo de um termo estar relacionado ao contexto, isso exige, além de grande competência lingüística, um conhecimento aprofundado da realidade étnica da língua de partida para procurar a solução de tradução mais adequada.

Portanto, antes de traduzir um texto precisamos entendê-lo dentro do contexto em que foi escrito, descobrir qual era a sua função dentro da cultura-fonte. Uma ação que nos ajuda nesse trabalho de interpretação é a pesquisa sobre determinada cultura e/ou período histórico, pois um dado conceito pode variar não só de uma cultura para outra, como também pode se transformar ao longo dos anos e adquirir um novo significado dentro de uma mesma cultura.

Por meio do traduzir e da tradução os obstáculos lingüísticos e culturais são superados, Koller (2004:26) entende como principal barreira lingüística o impedimento da comunicação devido aos idiomas diferentes. Ele afirma que essas barreiras são sempre barreiras comunicativas e freqüentemente são também barreiras culturais; contudo, o autor ressalta que muitos obstáculos culturais não são de forma alguma obstáculos lingüísticos, e poderiam ser superados com a tradução ou a transferência lingüística-cultural (2004: 26).

Azenha (1999:23) apresenta diversas perspectivas desenvolvidas nos estudos tradutológicos nos últimos vinte anos, entre elas encontramos a seguinte corrente:

A corrente de orientação cultural considera a tradução mais do que um processo lingüístico e enfatiza o comprometimento cultural de todo ato lingüístico. A interação lingüística seria, então, uma forma de interagir “superando-se as barreiras culturais”; seria, enfim, um evento bicultural (AZENHA, 1999:256)

A linguagem é um elemento integrante de uma cultura, é uma manifestação poderosa dessa e não pode ser separada de uma realidade extralingüística (AZENHA, 1999:28): “Todo texto pode ser entendido como parte verbalizada de uma sociocultura. Não é possível libertá-lo desse enraizamento, se não se sabe pra que finalidade isto deve acontecer” (HÖNIG; KUSSMAUL,1982:58 *apud* AZENHA, 1999:33).

Reiβ e Vermeer (1984:26 *apud* AZENHA, 1999:34) também ressaltam que “a língua é o meio convencional de comunicação e de pensamento de uma cultura”. Por isso, transformar um texto produzido em uma determinada cultura em outro produzido em outra cultura não é simplesmente alterar códigos, significa também superar os obstáculos culturais.

Assim, temos um conceito de cultura amplo que inclui a situação comunicativa e participa da formação de sentido. O contexto da situação e contexto cultural produzem o meio não-verbal de um texto. Porém, é importante ressaltar que: “o texto cria o contexto tanto quanto o contexto cria o texto. O ‘sentido’ surge do atrito entre os dois” (HALLIDAY, HASAN, 1985:47 *apud* AZENHA, 1999:30).

Dessa forma, vemos a necessidade de conhecer o contexto cultural do período do Terceiro Reich para melhor compreender e, por conseguinte, traduzir uma sentença judicial do Tribunal do Povo. Somente através de pesquisa extra-textual poderemos conhecer o valor dado aos termos durante essa época, a organização da sociedade e as atividades do grupo *Rosa Branca* e, assim, melhor traduzir o nosso *corpus*.

## 4.1 Tradução de linguagem de especialidade

Dado o caráter flexível da linguagem defendido por Jakobson (1977 *apud* GALVÃO, 2004:242), quando um indivíduo faz uso de um determinado código lingüístico, ele é influenciado pelo assunto que está abordando, por seu lugar na sociedade e pela sua localização geográfica; esse fenômeno gera as chamadas variações lingüísticas.

Entre as várias possibilidades de uso da língua, a que nos interessa no presente trabalho é a linguagem de especialidade. Essa se diferencia da língua coloquial ou padrão por meio de suas características lexicais, sintáticas, estilísticas e discursivas (SARMENTO; SANTOS, 2005). A linguagem de especialidade é empregada para facilitar a comunicação entre os profissionais, estudantes e/ou pesquisadores de uma determinada área. Esse tipo de linguagem satisfaz a necessidade da organização, da classificação e da prática científica e tecnológica.

Galvão (2004: 248) afirma que a linguagem de especialidade atende às necessidades específicas de comunicação de uma determinada comunidade e que essa pode sofrer transformações de acordo com o contexto comunicativo. A partir da linguagem de especialidade, surge o texto de especialidade, o qual exprime uma situação específica de uma profissão, empregando recursos lingüísticos adequados para essa situação.

Quanto à tradução de linguagem técnica, Lerat (1995 *apud* GALVÃO, 2004:248) ressalta que essa prática expõe problemas cognitivos e culturais de comunicação. Segundo o autor, esses podem ser solucionados, em parte, pela equivalência funcional. No entanto, é preciso lembrar que o tradutor precisará conhecer a linguagem de especialidade tanto da língua-fonte quanto da língua-alvo.

No presente trabalho, nos deteremos na tradução de linguagem jurídica. Como nosso *corpus* é composto por uma sentença judicial, consideramos importante apresentar as principais dificuldades encontradas na tradução desse tipo de texto. Reichmann (2010: 212) ressalta que a linguagem jurídica está ligada ao sistema jurídico de cada país, o que representa um desafio para tradução, pois nem sempre os sistemas jurídicos coincidem.

Segundo Kupsch-Losereit (2005), a principal dificuldade da microestrutura de uma sentença judicial é transpor de um idioma para outro as particularidades e convenções lingüísticas do jargão jurídico de cada cultura. No que se refere à macroestrutura, as sentenças também podem apresentar variações de acordo com cada país, portanto, é importante observar quais são suas partes constituintes e a ordem em que se encontram. No Brasil, a ordem é: abertura, relatório, fundamentos, dispositivo e fecho; já na Alemanha é: abertura, dispositivo, relatório e fundamentação (REICHMANN, 2010:214-215).

Além dos desafios lingüísticos, outra questão relevante é o fato de não existir equivalência plena entre os sistemas jurídicos dos diferentes países, por isso, um tradutor juramentado precisa ter um conhecimento aprofundado sobre o funcionamento de tal sistema no país originário da sentença e no país para qual ela será traduzida, além do conhecimento lingüístico (KUPSCH-LOSEREIT, 2005: 225). Dessa forma, observamos que a pesquisa extra-textual se faz necessária para a escolha dos conceitos jurídicos equivalentes.

# 5. Contexto

Para contextualizar a nossa tradução, apresentaremos um relato sobre o grupo *Rosa Branca*, o Tribunal do Povo e a linguagem do Terceiro Reich. As informações contidas nesse capítulo foram obtidas: no ensaio inicial do livro *Die Weiβe Rose*, de Inge Scholl; na obra de Harald Steffahn, que é homônima a obra de Scholl; no livro de Birgit Rätsch, *Hinter Gittern*; e no livro *LTI*, de Victor Klemperer.

## 5.1 Rosa Branca

A família Scholl era composta pelo casal Robert e Magdalena Scholl e por seus filhos Inge, Hans, Elisabeth, Sophie, Werner e Thilde, a qual morreu ainda criança. Robert Scholl foi prefeito nas cidades de Ingerscheim e Forchtenberg e desde o início demonstrou-se desconfiado em relação ao governo de Hitler, mesmo quando todos estavam entusiasmados com a propaganda e a política nazista.

Robert Scholl possuía valores e princípios relativos à cidadania, aos direitos fundamentais (os quais estariam sendo oprimidos pelo governo nazista), à fé integral, ao respeito à liberdade individual e de expressão entre outros; sua figura paterna sempre exerceu grande influência na vida dos irmãos Scholl.

Segundo Steffahn (1992: 56), durante o Terceiro Reich, o clima interno alemão estava dividido, pois ao mesmo tempo em que a política de Hitler perseguia os judeus, ela buscava reerguer o país, o qual após a Primeira Guerra enfrentou uma grande crise econômica. Através de filmes e propagandas, Hitler gerou um ultranacionalismo, o que fez com que em pouco tempo muitos apoiassem uma nova guerra. É importante ressaltar que muitos daqueles que inicialmente apoiavam Hitler, mais tarde se tornaram seus opositores. Podemos afirmar que o Nacional-Socialismo foi repleto de contrastes e, por isso, gerou as mais diversas reações.

As propagandas criadas por Goebbels realçavam o amor a pátria, o companheirismo e a comunidade do povo (*Volksgemeinschaft*). Era um momento de grande entusiasmo e fascinação e os jovens procuravam seus próprios valores e estilo. Por isso, Hans e Sophie se encantaram com as idéias nacional-socialistas e decidiram colaborar com elas, alistando-se na Juventude Hitlerista, uma instituição do governo nazista para treinar e doutrinar os jovens alemães (STEFFAHN, 1992).

Depois de algum tempo, começaram surgir nos jovens questionamentos e contestações dos ideais propagados pela Juventude Hitlerista. O movimento de massa, a manipulação, a política anti-semita e a censura de livros e canções populares de outras culturas contribuíram para essas inquietações. As dúvidas dos irmãos Scholl aumentaram ainda mais após o incidente em que Hans foi preso, devido a uma confusão com um superior por ter costurado junto com seus colegas a imagem de um animal mítico na bandeira (SCHOLL, 1955: 17).

Em 1939, Hans iniciou o curso de medicina na Universidade de Munique. Nesse mesmo ano com invasão da Polônia pela tropa alemã eclodiu a Segunda Guerra Mundial. Logo, Hans foi convocado para uma “companhia estudantil” (*Studentenkompanie*) e, em 1940, participou de uma campanha francesa como enfermeiro.

Em 1941, ele foi reconduzido para a companhia estudantil em Munique e pode continuar seus estudos. No entanto, era uma vida de estudante incomum, pois ele dividia-se entre estudante e soldado: um dia estava no quartel, outro na universidade. Em seu livro Inge Scholl (2001:23) afirma que esta vida dividida era muito difícil para Hans. Em 1942, Sophie também iniciou seus estudos no curso de biologia na Universidade de Munique.

Hans apresentou Sophie a seus amigos e ela passou a freqüentar os encontros realizados pelos jovens no ateliê do arquiteto Manfred Eickmeyer, eles reuniam e discutiam ideias de cientistas e estudantes de diversas áreas do conhecimento, de diferentes idades e de ambos os sexos.

Segundo Steffahn (1992: 71), em 1942, Hitler contava com o prestígio entre o povo alemão, mesmo com a Crise de Inverno (*Winterkrise*). Foi nesse contexto que surgiu o primeiro panfleto que circulou entre os dias 15 e 20 de junho de 1942 e foi distribuído em Munique. Alguns panfletos eram colocados, por exemplo, entre as páginas da lista telefônica que ficava nas cabines telefônicas; outros foram pelo correio. Os panfletos eram redigidos na máquina de escrever e mostravam a influência religiosa do grupo.

Sobre a escolha do nome do grupo de resistência, uma hipótese é que tenha se originado do *Romanzen vom Rosenkranz*, uma sucessão de 20 romances épicos de Clemens Brentano, do século 19. Steffahn (1992:71) afirma que Hans Scholl procurava um nome sonoro, que expressasse um conceito fixo implícito, além disso, o jovem tinha grande admiração pela obra de Brentano.

A argumentação e denúncia nos panfletos aparecem de maneira implícita, por meio da citação de pensadores e poetas, como Aristóteles, Lao Tse, Goethe, Schiller e Novalis. Sophie Scholl associa uma citação no material de resistência distribuído na universidade ao irmão: o trecho sobre a legislação de Licurgo e Solon, de Schiller (STEFFAHN, 1992:76). Depois de descobrir quem era o autor do panfleto, Sophie decidiu participar do movimento. Ela contribuiu na produção e distribuição dos panfletos seguintes

Encontramos nos panfletos traços de linguagem apocalíptica, referências ao Antigo Testamento (Revelação a João), a Lutero e ao pensamento de Santo Agostinho. Há também alusões a Schiller com a reflexão sobre outras formas de organização do Estado. No terceiro panfleto, segundo Steffahn (1992:73), há claramente a preocupação em se criar uma resistência pacífica para um futuro realmente diferente e livre da arbitrariedade violenta da ditadura. Os jovens universitários tentavam fazer com que as pessoas entendessem que as ações nazistas eram prejudiciais para a população como um todo.

Probst, Hans, Sophie, Graf e Schmorell eram motivados pela religiosidade. Portanto, o espírito da *Rosa Branca* só pode ser compreendido a partir da relação religiosa de seus representantes. Outro fator foi a política, a qual por influência paterna sempre desempenhou um papel dominante na vida dos irmãos Scholl.

Em Munique, os panfletos tiveram grande repercussão no meio acadêmico, porém o silêncio após o quarto panfleto levou à inquietação dos integrantes do *Rosa Branca*. Eles começaram a se questionar quanto à objetividade de suas ações. A dúvida unida ao recrutamento de alguns membros do movimento para guerra resultou em uma pausa das atividades do grupo.

Por ocasião da derrota da batalha de Stalingrado percebe-se um desejo de se retomar as atividades de resistência. Nesse período, surge a vontade de expandir o movimento, por isso, os jovens buscam contatar grupos oposicionistas ao governo nazista em outros estados. Hans e Schmorell procuram pelo dramaturgo Falk Harnack que foi soldado em Chemnitz para lhe mostrar uma cópia de seus panfletos. Harnack critica a redação apresentada nesses por estar repleta de filosofia e aconselha que as propostas sejam mais realistas e as propostas políticas, mais claras (STEFFAHN, 1992:90).

Enquanto os quatro primeiros panfletos foram formulados academicamente, o quinto panfleto apresentou idéias comunistas e, segundo a opinião de Kurt Huber, professor da Universidade que apoiava as idéias do grupo, o panfleto se assemelhava a um manifesto. Entretanto, o que Hans e Schmorell tinham feito era colocar em prática os conselhos de Harnack.

A distribuição dos panfletos fora organizada em vários estados da Alemanha a fim de confundir a Gestapo, a qual não deveria pensar que o movimento era exclusivamente de Munique, mas que estava espalhado por toda Alemanha. Para isso, eles viajavam de trem até outra cidade e lá distribuíam os panfletos em caixas de correio (STEFFAHN, 1992:94).

No início de fevereiro de 1942, Hans, Schmorell e Graf escreveram durante a noite nos muros da Universidade frases contra Adolf Hitler, como: “Fora Hitler!” e “Liberdade”. Depois disso, começaram a aparecer escritos também em prédios públicos como: “Hitler assassino em massa”.

Steffahn (1992:100) narra um incidente ocorrido durante a comemoração dos 470 anos da Universidade realizada no Museu Alemão: o líder provincial (*Gauleiter*) [[1]](#footnote-1) disse às alunas da universidade que seria bem melhor se elas se preocupassem em dar filhos a Hitler ou com outros assuntos da guerra do que estudar. Muitas alunas ao ouvir isso quiseram se retirar da sala, mas foram impedidas e depois presas. Os rapazes tentando defender suas colegas ficaram em frente ao museu e com alto-falantes pedindo a sua soltura. O ato foi rapidamente reprimido pela polícia e as meninas foram soltas.

Depois da notícia do término da batalha de Stalingrado e do ocorrido no Museu Alemão, o professor Huber ministrou uma aula falando sobre as vítimas de Stalingrado, a atitude das alunas no museu e sobre os panfletos. Em seguida, o professor escreveu o sexto panfleto do grupo *Rosa Branca*. Esse começava e terminava com as palavras liberdade e honra.

No dia 18 de fevereiro de 1943, Hans e Sophie distribuíram os panfletos nos corredores da universidade. Inge Scholl, que sempre apoiara o movimento, considerou o ato de distribuir panfletos nos corredores da universidade imprudente e de extremo perigo, pois segundo ela tal atitude, se descoberta, teria como conseqüência a pena de morte. (STEFFAHN, 1992: 106).

Sophie e Hans foram surpreendidos pelo zelador da universidade enquanto distribuíam seus panfletos; o reitor os entregou à polícia. Os irmãos pediram que toda a culpa dos atos de oposição fosse dada a eles para que os outros fossem soltos, porém, esse pedido foi ignorado e algumas horas mais tarde Probst também foi preso. O caso foi levado a tribunal pela desordem e repercussão que causou. Hans e Sophie tentaram tomar para si toda a responsabilidade dos atos e, assim, proteger seus amigos.

A sentença dos irmãos Scholl e de Probst foi proferida pelo então presidente do “Tribunal do Povo”, Dr. Freisler, no dia 22 de fevereiro de 1943. Os três jovens foram condenados à morte pela guilhotina e executados no mesmo dia. Após a morte de Hans, Sophie e Probst, seus amigos e parentes foram presos, isolados e interrogados.

No dia 19 de abril 1943 foram condenados à morte Alex Schmorell, Willi Graf e o professor Kurt Huber. Eles foram executados dois dias após o julgamento, desse modo, Schmorell e o professor Huber tiveram tempo de escrever suas cartas de despedida. Alex afirmava ter consciência de seus atos e acreditava que eles tinham cumprido a tarefa de suas vidas (STEFFAHN, 1992: 122).

Podemos afirmar que o grupo de resistência *Rosa Branca* se difere dos demais grupos de oposição ao nazismo pela ingenuidade de seus membros. Os irmãos Scholl nos primeiros anos do governo nacional-socialista fizeram parte da juventude hitlerista, por acreditar que todo aquele movimento nacionalista era positivo. Contudo, com o passar dos anos eles se desiludiram com rumo que a Alemanha estava tomando. Foi a partir desse desapontamento que eles produziram os panfletos.

Esse desapontamento com as políticas nazistas foi aumentando, até que em 1942, produziram o primeiro panfleto do grupo *Rosa Branca*. O objetivo dos panfletos era despertar dúvidas sobre a veracidade da propaganda feita pelo regime nazista. O movimento surgiu principalmente pela indignação que os jovens sentiam pela forma como os alemães aceitavam as medidas nazistas e a guerra.

## 5.2 Tribunal do Povo

O Tribunal do Povo (*Volksgerichtshof*) foi fundado por Hitler em abril de 1934 em Leipzig, após o incêndio do *Reichstag*. Era uma corte especial criada para julgar as pessoas acusadas de crimes de alta traição e atentado contra a segurança do Estado. Este tribunal é lembrado pelo grande número de sentenças de mortes pronunciadas, sendo que a maior parte delas foi proferida entre 1942 e 1945 pelo então juiz Freisler.

Não se podia recorrer de suas decisões e os julgamentos terminavam em um dia. Os advogados de defesa não apresentavam nenhuma objeção aos veredictos desse tribunal, em geral, eles permaneciam a maior parte do julgamento em silêncio (RÄTSCH, 1992:12). Tudo parecia já estar determinado, tratava-se mais de um anúncio da sentença do que de um julgamento. O Tribunal do Povo foi criado para atender aos interesses políticos do Nacional-socialismo, por isso, este órgão julgava os chamados grupos de resistência contra Hitler. Ele funcionava como instrumento político em favor dos nazistas.

Os presidentes do Tribunal do Povo eram nomeados por Hitler e naturalmente pertenciam ao partido nacional-socialista; o primeiro presidente foi Otto Thierack. Em 1942, Thierack foi promovido a ministro da justiça do Reich e Roland Freisler assumiu seu lugar na presidência do Tribunal do Povo. Segundo Rätsch (1992:12), os julgamentos contavam com cinco juízes, um era o presidente e os outros juízes adjuntos; esse colegiado era composto por dois juízes com conhecimento técnico e outros três funcionários do partido nazista ou de altas patentes das forças armadas, todos nomeados por Hitler.

Roland Freisler assumiu em 1942 e ficou até 1945, quando morreu em um bombardeio a Berlim durante um julgamento. Freisler era conhecido por sua frieza, por seu enorme conhecimento do Código Penal, pela violência nos discursos e por seu fanatismo pela ideologia nazista. Em carta a Hitler, Freisler se denomina um soldado político.

Esse conhecido juiz presidia julgamentos teatrais, ele era o juiz, o júri, o promotor de justiça e o redator das sentenças. Ele constantemente humilhava e gritava com os réus. A maior parte de seus processos terminou com sentenças de morte ou prisão perpétua. Durante esse período, os direitos dos acusados não existiam mais.

Muitos integrantes de grupos de resistência foram condenados à morte por Freisler, entre eles os jovens do *Rosa Branca*. O julgamento de Hans e Sophie Scholl e Christoph Probst aconteceu no dia 22 de fevereiro de 1943. Enquanto Probst, por causa de sua mulher e filhos, tentou amenizar sua pena alegando uma depressão psicótica, os irmãos não procuram se inocentar, apenas justificar seus atos.

Os três foram condenados à morte pela guilhotina. Aos pais dos irmãos Scholl foi concedido o direito a uma visita naquela tarde. Depois de se despedirem, os irmãos ainda passaram um tempo juntos até serem encaminhados para a guilhotina. O cemitério Perlach foi fechado e vigiado pela Gestapo durante o funeral.

Ao observar as ações desse tribunal e do juiz Freisler, podemos afirmar que o parlamento alemão, ao declarar a invalidade das sentenças do Tribunal do Povo, apenas reparou uma grande injustiça para com inúmeras pessoas condenadas por discordarem da política nazista e defenderem seus ideais.

## 5.3 A Linguagem do Terceiro Reich

O livro *LTI* – *A Linguagem do III Reich* (*Lingua Tertti Imperii*, em latim) foi escrito pelo filólogo e historiador da literatura Victor Klemperer (1881- 1960) pouco tempo depois do fim da Segunda Guerra Mundial, a obra é baseada nos diários mantidos pelo autor entre 1933 e 1945. O professor universitário foi exonerado de seu cargo por ser judeu quando foram promulgadas as leis de Nuremberg[[2]](#footnote-2), em 1935.

Inicialmente, o filólogo escapou da deportação e da morte por sua esposa ser protestante, mais tarde, ele conseguiu se proteger usando documentos falsos. Depois de ter seus bens confiscados pelo Reich, morou a maior parte da guerra nas chamadas *Judenhäuser* (casas de judeus), em Dresden. Nessas casas viviam os mais diversos tipos de profissionais, desde médicos e advogados até trabalhadores sem qualificação. Porém, depois das medidas anti-semitas, esses profissionais tornaram-se operários de fábrica, varredores de ruas ou porteiros das *Judenhäuser*.

Essa mudança de profissão gerou hábitos lingüísticos diferentes, eles não só adotaram a linguagem do trabalhador, como expressões relacionadas à estrutura social e aos hábitos. O autor também relata como era difícil usar um vocabulário neutro, que até mesmo ele, o qual estava sempre atento as particularidades lingüísticas, não estava isento das influências do meio.

Klemperer registrava em seus diários a gradativa modificação da vida social e política alemã ao longo do regime nacional-socialista. Em seu livro, ele se concentra nas transformações da língua alemã nesse período. Por isso, encontramos a seguinte frase do filósofo Franz Rosenzweig como epígrafe: “A língua é mais do que sangue”, essa, segundo Krausz (2010:191) sintetiza a função do idioma como modelo do pensamento e como formador da realidade. Além disso, Krausz defende que:

A epígrafe tem um duplo sentido: de um lado, para um indivíduo, a língua na qual ele fala, sonha e pensa é o fundamento de sua identidade, um sangue imaterial mais poderoso do que o próprio sangue. E de outro lado, do ponto de vista político, a afirmativa de Rosenzweig é uma resposta à ideologia que busca a essência da nação germânica na pureza do sangue, excluindo de sua língua e de sua cultura todos os que não sejam possuidores de uma suposta genealogia ariana. (KRAUSZ, 2010:191)

Assim, podemos observar que o idioma torna-se um instrumento de manipulação das massas, uma vez que as modificações na língua tiveram um papel muito importante na difusão da ideologia nazista, no estabelecimento de formas de pensar e nos comportamentos sociais.

Entretanto, ao dedicar-se à observação da língua e de suas transformações, Klemperer conseguiu preservar sua sanidade e sua identidade em meio a condições extremas impostas a um judeu pelo nazismo. Em seu caso, as palavras converteram-se em ferramentas de resistência e de preservação da consciência e da dignidade (KRAUSZ, 2010:191). E é justamente essa resistência em aceitar essa língua estabelecida pelo Terceiro Reich e manter sua capacidade de pensar com autonomia que o filólogo relata em seu livro. Em seu propósito de manter-se imune à retórica nazista, o autor analisou detalhadamente a língua quotidiana, detectando os sinais da contaminação nazista.

O autor afirma que todo o vocabulário criado durante o governo de Hitler servia para diferenciar e depreciar os judeus. Klemperer relata em seu livro a indignação que sentia toda vez que ouvia um judeu utilizar o que ele chama de “linguagem do vencedor”, isto é, a linguagem dos “hitleristas”. Ele explica que os nazistas se apropriaram de algumas expressões já existentes e contaminaram-nas “de tal forma com suas mãos infectadas que nenhuma pessoa levemente sensata há de querer empregá-la nos próximos cinqüenta anos...” (2009:298). Até mesmo historiadores e escritores judeus adotaram essa linguagem do vencedor em suas obras

Dentre os muitos aspectos da língua citados pelo filólogo, Krausz (2010:193) destaca a forma aguda como Klemperer percebe na retórica dos discursos e da propaganda nazista que o principal objetivo de seu projeto político é romper a sobriedade e a autonomia da consciência individual, submergindo-a e confundindo-a com uma totalidade que recebe, nos discursos nazistas, o nome de *Volk*.

A LTI pretende privar cada pessoa da sua individualidade, anestesiando as personalidades, fazendo indivíduo peça de um rebanho conduzido em determinada direção, sem vontade e sem idéias próprias, tornando-o um átomo de uma enorme pedra rolante. (KLEMPERER, 2009:85 *apud* KRAUSZ, 2010:193)

No livro LTI, encontramos a associação do desejo de ultrapassar os limites individuais e de fusão na massa ao romantismo. Para Klemperer, as idéias propagadas pelo hitlerismo e o impulso da poesia do classicismo alemão e da filosofia idealista apresentam como característica o desprezo por qualquer tipo de fronteira ou limite. Ele defende que a origem de tudo que compôs o nazismo se encontra também no romantismo.

No trabalho de tradução percebemos mais claramente como as palavras durante o Terceiro Reich eram carregadas de conceitos nazistas e que, por isso, seu uso tinha um significado muito mais amplo do que poderia parecer para um estrangeiro, ainda mais tantos anos depois do fim do governo de Hitler. O livro do Victor Klemperer nos auxilia a entender a dimensão dos termos nessa época e, por conseguinte, fornece mais subsídios para a tradução.

# 6. Cinema e História

O cinema é uma forma de entretenimento muito popular e quando o consideramos como fator de aprendizagem, imediatamente, uma das áreas do conhecimento que nos ocorre é a história. Se fizermos uma rápida pesquisa em sites de busca, veremos que o cinema escolheu a história como um de seus temas preferidos, o que originou o gênero cinematográfico histórico.

Os filmes históricos retratam um acontecimento que teve existência no passado imediato ou remoto. Por isso, muitas vezes, eles servem como um meio de denúncia dos fatos ocorridos, pois fazem com que as pessoas reflitam sobre o passado, suscitando, assim, discussões sobre o tema, o que pode gerar uma revisão das ações passadas e uma mudança de postura com as mesmas. Um filme histórico coloca um desafio a mais para a escrita do roteiro, pois exige o conhecimento do contexto abordado.

Um tema que inspira muitos filmes históricos é a Segunda Guerra Mundial. Existem filmes sobre os mais diversos ângulos, do ponto de vista dos mais variados tipos de pessoas: judeus, soldados aliados, soldados nazistas, população americana, população alemã contra e a favor de Hitler, batalhas, vitórias e derrotas de ambos os lados, espionagem e grupos de resistência ao nazismo.

A fim de mostrar como um filme pode nos fazer repensar os atos do passado, esse capítulo visa analisar a revisão feita pelo parlamento alemão dos julgamentos do “Tribunal do Povo”, a partir das discussões sobre o filme *Die Weiβe Rose*, do diretor Michael Verhoeven. A contestação aconteceu em 1985, três anos após o filme e quarenta anos depois do fim da Segunda Guerra, mas só foi consolidada juridicamente em 1998. Além disso, o filme é uma importante fonte de contextualização histórica para realização da tradução da sentença contra os irmãos Scholl.

## 6.1 O filme *Die Weiβe Rose*

### 6.1.1 Processo de pesquisa do tema

Em 1968, Michael Verhoeven teve seu primeiro contato com o movimento *Rosa Branca*, o que resultou em uma produção independente repleta de material extremamente contraditório. O diretor admitiu que seu conhecimento sobre o tema nessa época era nulo (VERHOEVEN, 1982:189).

As placas comemorativas, os jornais e a literatura, tudo o que o diretor conhecia sobre os jovens estudantes de Munique os representava como heróis, mas não como seres humanos. Verhoeven interessou-se justamente por esse aspecto. No livro escrito por ele e por Mario Krebs sobre o filme *Die Weiβe Rose* (1982), o diretor conta que existiram algumas tentativas de outros autores e produtores de filmar o tema, mas eles fracassaram. Os familiares dos integrantes do *Rosa Branca* se recusavam a colaborar na realização dos filmes. Inge Scholl explicou sua recusa da seguinte forma:

A idéia de que a atitude dramática estéril dos anos 50 com um novo *páthos* do “nunca mais” pudesse enterrar os acontecimentos e as pessoas reais num “sarcófago de vidro”, teria sido insuportável para ela (VERHOEVEN; KREBS, 1982:190, tradução nossa)

Depois de ter fracassado na sua primeira tentativa de filmar a história do grupo *Rosa Branca*, ele só retomou o projeto em 1977. Para tal, ele entrou em contato por meio de cartas com familiares e amigos dos membros do grupo de resistência. Michael Verhoeven passou cinco anos coletando e comparando os documentos e os depoimentos para desenvolver o roteiro do filme. Mario Krebs ajudou o diretor na reunião e seleção do vasto material histórico.

As conversas com familiares e amigos ajudaram o diretor a conhecer melhor os membros do grupo de resistência *Rosa Branca*. Birgit Weiß, filha do professor Huber, descreveu seu pai como autoritário, terno, amoroso e irascível. A viúva, Clara Huber, afirmou que a família significava tudo para ele, que não cultivava amigos íntimos fora da família e que considerava uma pessoa não política uma decepção (VERHOEVEN; KREBS, 1982:201).

Para o filho de Christoph Probst, o Dr. Michael Probst, a única razão de seu pai ter participado do movimento de resistência foi a sua religiosidade. Anneliese Knoop-Graf entregou ao diretor e a Krebs cem cartas escritas por seu irmão, Willi Graf. Ela organizou um livro com excertos das cartas e do diário do irmão, o qual também serviu de fonte de pesquisa para a realização do filme (VERHOEVEN; KREBS, 1982:201).

Dr. Erich Schmorell, irmão mais novo de Alex Schmorell, falou sobre a casa de seus pais e sobre a tensão que a família vivia. Erich contou que seu irmão antes de fazer medicina, queria ser pintor ou escultor. Já no período das atividades de resistência, Alex disse ao irmão que era preciso sabotar os armamentos e as forças armadas (VERHOEVEN; KREBS, 1982:211).

Krebs e Verhoeven reuniram documentos ligados às pessoas do movimento *Rosa Branca* com ajuda do diretor de arquivos do Instituto de História Contemporânea (*Institut für Zeitgeschichte*), Hellmuth Auerbach. Eles ficaram bastante surpresos quando perceberam que entre esses documentos faltavam os do interrogatório, os quais foram transferidos para uma cidade do sul de Munique depois do fim da guerra e, supostamente, estariam perdidos.

Entre os documentos reunidos, estava o relato de Else Gebel, companheira de cela de Sophie. Em 1982, Percy Adlon, um respeitado diretor do cinema alemão, fez um filme sobre os últimos dias de Sophie baseado nesse relato. Para Verhoeven esse filme é muito importante, porém possui uma visão diferente da que ele procurava. O filme de Adlon começa após a prisão dos jovens, enquanto o filme de Verhoeven narra a trajetória anterior a essa tragédia. Na primavera de 1981 o roteiro de *Die Weiβe Rose* estava pronto.

### 6.1.2 O filme

Em 1982, estreou o filme *Die Weiβe Rose*, do diretor Michael Verhoeven. Nesse filme, nos é mostrado como esse grupo de resistência agia, o que pensavam os seus principais integrantes e o trágico desfecho desta ação. Verhoeven traz em seu filme parte dos interrogatórios e do julgamento de Sophie, Hans e Probst.

O filme começa em maio de 1942 com a chegada de Sophie a Munique para dar início aos seus estudos. Logo, ela é levada ao ateliê de Eickmeyer, onde conhece os amigos de Hans: Alex Schmorrell, Willi Graf e Traute Lafrenz. Na universidade, vemos que esses jovens tinham grande interesse pelas aulas de filosofia do professor Huber.

Como já mencionamos, Verhoeven se interessou por apresentar o lado humano dos integrantes do *Rosa Branca*, portanto, o diretor não mostra apenas as atividades de resistência, mas também um pouco da vida desses jovens: Probst com a mulher e os filhos, o drama da prisão do pai de Hans e Sophie, o namoro de Sophie com um oficial nazista, a relação de Hans com Traute e os desentendimentos entre os integrantes do grupo de resistência.

Além disso, no filme observamos o medo de Sophie do que possa acontecer com eles quando descobre que Hans está envolvido na publicação do primeiro panfleto do grupo, pois a família Scholl já era conhecida pela Gestapo, por causa da prisão de Hans e, posteriormente, de seu pai, Robert. Contudo, quando Sophie concorda com o irmão de que algo deve ser feito e decide participar do movimento de resistência, inicialmente, Hans demonstra não achar participação dela uma boa idéia.

Outro ponto abordado por Verhoeven em sua obra foi a discussão entre os membros do grupo *Rosa Branca* sobre qual seria o seu “próximo passo”: a permanência em uma resistência pacífica ou transferência para uma resistência ativa, com sabotagens e, talvez, no futuro por meio de armas. Esses conflitos surgem ao mesmo tempo em que os jovens buscam expandir o movimento, através de contatos com grupos de resistência a Hitler em outros estados.

Por fim, vemos a serenidade dos irmãos enquanto conversam com seus pais depois de serem condenados à morte e o encontro entre os irmãos Scholl e Probst dentro da prisão pouco antes de morrerem.

### 6.1.3 A reação desencadeada pelo filme

No filme, o diretor Verhoeven nos mostra como era um pouco da vida dos jovens participantes do grupo e nos apresenta um panorama do que foram as atividades de resistência deles. Ao final de seu filme o diretor denuncia que:

Nenhum juiz nazista do ‘Tribunal do Povo’ foi levado, após a guerra, à frente de um tribunal alemão para se responsabilizar por suas sentenças.

Somente através da discussão sobre este filme, o parlamento decidiu no dia 25/1/1985 invalidar todas as sentenças do chamado “Tribunal do Povo”. (VERHOEVEN,1982)

É alarmante a demora em reconhecer que os julgamentos e as sentenças proferidas pelo Tribunal do Povo (*Volksgerichtshof*) deveriam ser invalidados. Em seu livro, Verhoeven (1982: 200) comenta ainda sobre Kölgmaier, o qual era secretário de Estado durante o nazismo e mesmo depois do fim da guerra permaneceu em seu cargo. Kölgmaier participou como um dos juízes do Tribunal do Povo durante o julgamento de Hans, Sophie e Probst. Em 1967, ele disse que os planos da *Rosa Branca* eram um crime vergonhoso.

Michael Verhoeven defende a importância do filme como material de divulgação, ele acreditava que as pessoas precisavam ter consciência do que acontecia durante o regime nazista. Apesar de o filme ter sido realizado quase quarenta anos depois do final da guerra, as pessoas ainda evitavam falar sobre os grupos e as atividades de resistência que existiram.

Para o diretor e roteirista de *Die Weiβe Rose*, o conceito de resistência ainda tinha um valor negativo em 1982. Ele afirma: “Como me disse uma vez Inge Aicher-Scholl, isso ainda está associado a um quê de traição” (1982: 207, tradução nossa). Esse medo de ser considerado um traidor acompanhava a sociedade alemã, a qual na década de 80 estava dividida em capitalista (Alemanha Ocidental) e socialista (Alemanha Oriental), devido à Guerra Fria.

Era um período de tensão, a população temia que só de falar sobre a história do grupo *Rosa Branca* pudesse estimular novas atividades de resistência ao governo ou ser visto como um simpatizante dessas ações. Entretanto, Verhoeven (1982: 208) acreditava que não era possível comparar a resistência de 1942 com as de 1982. Os integrantes do *Rosa Branca* não lutavam por melhores salários, suas ações foram determinadas exclusivamente pela sua consciência, por uma necessidade interior.

Quando incentivadas pelo filme, as pessoas voltaram a falar sobre o assunto, aconteceu à contestação dos julgamentos. O filme desencadeou um processo político que culminou na declaração do parlamento alemão sobre a invalidade das sentenças do Tribunal do Povo e sua classificação como instrumento de terror em favor do nazismo em 1985. Tal declaração política só foi consolidada juridicamente através de uma lei de 1998.

# 7. Análise da sentença

Espera-se que uma sentença jurídica possua como características principais a clareza, a objetividade e a imparcialidade na descrição dos fatos. Além disso, a decisão do juiz deve estar fundamentada na constituição vigente no país no qual a sentença foi proferida (NICOLAU JUNIOR, 2005). Com base nisso, podemos dizer que a sentença escrita pelo juiz Freisler em pouco se assemelha ao que conhecemos por uma sentença tradicional.

Como já comentamos nos capítulos anteriores, o Tribunal do Povo foi criado para atender aos interesses nazistas, portanto, todos aqueles que de algum modo se opusesse ao governo deveriam ser exemplarmente punidos, não importando se essa punição iria ou não de encontro à constituição.

A sentença escrita por Freisler é absolutamente parcial e está repleta de termos subjetivos, como o freqüente uso de adjetivos: “derrotista”, “covarde”, “gloriosa”, entre outros. Além disso, o juiz ao se referir as ações dos acusados mostra sua indignação empregando a seguinte metáfora: “Aqueles que, como os réus, cometeram alta traição no interior da frente de batalha..., erguem a adaga para com ela apunhalar as costas do combate!” (*apud* SCHOLL, 1994:108, tradução nossa).

Outro elemento que diferencia a escrita de uma sentença tradicional do texto do Tribunal do Povo é a existência de muitos pontos de exclamação. Esses aparecem várias vezes ao longo da redação nazista, denotando a revolta e o desprezo do juiz em relação às idéias divulgadas nos panfletos e as ações do grupo *Rosa Branca*: “Ele reveste as promessas de seu panfleto fazendo referência a – Roosevelt! E esse seu saber vem de escutar as emissoras de rádio inglesas!” (*apud* SCHOLL, 1994: 108, tradução nossa).

É importante ressaltar que ao longo da sentença, Freisler refere-se à ré como “Sophia Scholl”, com “a” no final. Apesar de o mais comum ser encontrarmos “Sophie Scholl”, a grafia com “a” não está necessariamente errada, pois há a possibilidade de que em seus documentos esteja grafado Sophia.

No texto de Freisler, percebemos sua indignação com a “traição” dos três estudantes, os quais, segundo o juiz, devem seus estudos à assistência fornecida pelo Reich. Ele os acusa de alta traição, favorecimento do inimigo e corrupção militar. As duas primeiras acusações estão diretamente relacionadas ao conteúdo dos panfletos, já a terceira, deve-se ao fato de que Hans e Probst como soldados deveriam ter uma lealdade maior a Hitler, no entanto, ao participarem de um grupo de resistência contra o regime nacional-socialista, eles descumpriram essa premissa.

Quanto à macroestrutura, a sentença apresenta a abertura, o dispositivo e fundamentos; o relatório teoricamente está contido nesse último, formando uma só unidade. Cabe frisar o termo “teoricamente”, pois essa redação mais parece um discurso contra os jovens e seus atos do que um relato do acontecido, além de conter apenas uma única citação do artigo do código penal que os acusados teriam infringido.

Enfim, a sentença escrita pelo presidente do Tribunal do Povo confirma a afirmação de Rätsch (1992: 17) de que os direitos dos réus eram inexistentes. Desse modo, observamos que invalidação dos julgamentos era necessária, uma vez que esse tribunal não buscava a justiça e desrespeitava os direitos daqueles que se opusessem ao regime nacional-socialista.

# 8. Tradução

Em nome do povo alemão

No processo penal contra:

1. Hans Fritz Scholl residente em Munique, nascido em Ingersheim em 22 de setembro de 1918,
2. Sophia Magdalena Scholl residente em Munique, nascida em Forchtenberg em 9 de maio de 1921,
3. Christoph Hermann Probst residente em Aldrans, próximo a Innsbruck (Áustria), nascido em Murnau em 6 de novembro de 1919,

atualmente, neste processo, sob custódia judicial por favorecer o inimigo traindo seu país, planejar alta traição e corrupção militar, o Tribunal do Povo, 1ª Turma, baseado na audiência de 22 de fevereiro de 1943, da qual participaram

como juízes:

Presidente do Tribunal do Povo e juiz relator, Dr. Freisler,

Diretor do Tribunal Regional, Stier,

Tenente-General da SS, Breithaupt,

Tenente- General da SA, Bunge,

Secretário de Estado e Tenente-General da SA, Kölgmaier,

como representante do Ministério Público do Reich:

advogado Weyersberg,

reconheceu como sendo de direito:

Durante a guerra, os réus convocaram a população, por meio de panfletos, para sabotar o armamento e derrubar o estilo de vida nacional-socialista de nosso povo, propagando idéias derrotistas e ofendendo o Führer da pior maneira possível e, portanto, favorecendo o inimigo do Reich e corrompendo nossa força militar.

Por isso, eles serão

punidos

com

a morte.

Eles serão privados de seus direitos civis para sempre.

*Fundamentos*

O réu, Hans Scholl, desde a primavera de 1939, estudou medicina e está –graças à assistência do Regime Nacional-Socialista –no oitavo semestre! Nesse período, ele trabalhou no campo de batalha francês, em um hospital de campanha e, de julho a novembro de 1942, no corpo médico da frente de batalha Oriental.

Como estudante, ele tem o dever de trabalhar para sociedade de modo exemplar. Como soldado, ele é encarregado de estudar e tem um dever de lealdade especial para com o Führer. Isso e a assistência que o Reich concedeu justamente a ele, não o impediu de escrever, reproduzir e distribuir os panfletos "da Rosa Branca" no primeiro semestre de verão de 1942. Esses prediziam de modo pessimista a derrota da Alemanha, exortavam à resistência passiva, à sabotagem em fábricas de armamentos e, em geral, em todas as oportunidades incentivavam o povo alemão a apossar-se de sua maneira de vida nacional-socialista e, portanto, também o governo.

Isso porque ele imaginava que só assim o povo alemão poderia sobreviver à guerra!!

Em novembro de 1942, Scholl retornou da Rússia e pediu a seu amigo, o co-réu Probst, que este escrevesse um manuscrito que abrisse os olhos do povo alemão! Probst de fato entregou a Scholl um rascunho do panfleto, como o desejado, no final de janeiro de 1943.

Em conversas com sua irmã Sophia Scholl, ambos decidiram fazer propaganda política através de panfletos a fim de agir contra a guerra e por uma cooperação com a plutocracia inimiga contra o Nacional-Socialismo. Os dois irmãos, que alugavam seus quartos de estudantes da mesma proprietária, escreveram juntos um panfleto "para todos os alemães". Nele prediz-se a derrota da Alemanha na guerra, anuncia-se a guerra pela libertação contra a “sub-humanidade nacional-socialista” e fazem reivindicações em favor de uma democracia liberal. Além disso, os irmãos escreveram um panfleto para “os estudantes universitários alemães” (nas edições posteriores para os “colegas universitários”). Eles declaram luta ao Partido, teria chegado o dia do acerto de contas, e não temem comparar o seu apelo para guerra contra o Führer e contra o estilo de vida nacional-socialista de nosso povo com a luta pela libertação contra Napoleão (1813) e, para isso, adotam a canção dos soldados “Desperte, meu povo, as chamas já fumegam”!!!

Os réus Scholl reproduziram os panfletos, em parte com ajuda de um amigo, o estudante de medicina Schmorell, e distribuíram em comum acordo:

1. Schmorell foi para Salzburgo, Linz, Viena e desses lugares depositou, respectivamente, em caixas de correio 200, 200, 1200 panfletos para destinatários dessas cidades, além disso, em Viena depositou 400 cópias na caixa do correio para endereços em Frankfurt.
2. Sophia Scholl depositou 200 cópias em caixas de correio em Augsburgo e em outra oportunidade 600 em Stuttgart.
3. De madrugada Hans Scholl, junto com Schmorell, espalhou milhares de panfletos pelas ruas de Munique.
4. No dia 18 de fevereiro, os irmãos Scholl depositaram em maços entre 1500 e 1800 panfletos na universidade de Munique e Sophie Scholl jogou uma pilha do segundo andar para o pátio.

Hans Scholl e Schmorell, na madrugada dos dias 3, 8 e 15/2/43 também fizeram pichações em muitas partes de Munique, principalmente nos muros da universidade com as inscrições: “Abaixo Hitler", “Hitler, o assassino em massa" e "Liberdade". Após a primeira ação, Sophia Scholl descobriu, concordou com sua realização e pediu - embora sem sucesso –para participar das próximas! Os próprios réus arcaram com as despesas, aproximadamente 1000 marcos no total.

Probst também iniciou seus estudos de medicina em 1939 e agora encontra-se no 8º semestre como um soldado com obrigação de estudar. Ele é casado e tem 3 filhos de: 2 anos e meio, 1 ano e três meses e 4 semanas. Ele é uma pessoa "apolítica", portanto não é homem de verdade! Nem a assistência nacional-socialista do Reich para a sua formação profissional nem o fato de que só a política populacional do Nacional- Socialismo possibilitou a ele, como estudante, ter uma família, o impediu de, a pedido de Scholl, elaborar "um rascunho do manuscrito", no qual toma a heróica luta em Stalingrado como oportunidade para insultar o Führer como impostor militar e para criar um derrotismo covarde, e depois transforma sua redação em um apelo, convocando para agir em favor de uma capitulação, a qual ele considera gloriosa, por meio de um posicionamento contrário ao Nacional-Socialismo. Ele reveste as promessas de seu panfleto fazendo referência a – Roosevelt! E esse seu saber vem de escutar as emissoras de rádio inglesas!

Todos os réus confessaram as afirmações acima. Probst tentou desculpar-se pela redação alegando uma "depressão psicótica". A causa dessa teria sido Stalingrado e a febre puerperal de sua esposa. No entanto, isso não desculpa *tal* reação.

Aqueles que, como os réus, cometeram alta traição no interior da frente de batalha e, com isso, corromperam a nossa força militar durante a guerra e, portanto, favoreceram ao inimigo do Reich (artigo 5 do Código Penal para caso de Guerra e artigo 91 b do Código Penal), erguem a adaga para com ela apunhalar as costas do combate! Isto também se aplica a Probst, embora ele afirme que não tinha a intenção de transformar o manuscrito em panfleto, pois a linguagem do manuscrito mostra justamente o oposto. Quem age assim, tenta produzir uma primeira rachadura na unidade fechada de nossa frente de combate, justamente agora, em que é fundamental estar completamente firme. E foi exatamente isso que fizeram os estudantes alemães, cujo mérito foi sempre o auto-sacrifício do povo e da pátria!

Se tal ação não fosse punida com a morte, representaria o começo de uma reação em cadeia, cujo fim seria, como outrora, em 1918. Por isso, para o Tribunal do Povo proteger a nação combatente e o Reich só existe uma punição justa: a pena de morte. O Tribunal do Povo está ciente de que com isso está representando a opinião dos nossos soldados!

Por sua traição ao nosso povo, os réus serão privados de seus direitos civis para sempre.

Por serem condenados, os réus também devem arcar com as custas do processo.

Assinado por Dr. Freisler

Stier.

# 9. Comentários sobre a tradução

Para relatar as dificuldades encontradas durante a tradução e justificar as decisões sobre a escolha do léxico, decidimos criar este capítulo. Como ressaltamos nos pressupostos teóricos, antes de traduzir precisamos compreender o texto. É necessário entender o outro em seu contexto de outro e, ao mesmo tempo, entendê-lo como contrastivo com o já conhecido (língua de chegada) nos âmbitos lingüísticos e culturais (KOLLER, 2004).

No que se refere à macroestrutura da sentença, decidimos mantê-la igual ao do texto de partida, pois como a tradução desta sentença serve para pesquisa acadêmica e divulgação de material, acreditamos que não haveria problema se ela permanecesse com essa característica do original, uma vez que, atualmente, ela não possui mais nenhum valor legal.

O nosso *corpus* é uma sentença proferida em 1943 durante o regime nazista, logo, partimos do pressuposto que sua redação estaria repleta de termos contaminados pelos conceitos nazismo, por isso, optamos por uma pesquisa extra-textual, a qual nos fornecesse uma contextualização histórica, pois a compreensão da história auxilia na apreensão do sentido das palavras e na escolha do termo mais adequado.

O conhecimento do contexto facilitou muito nossa compreensão do texto. Quando na sentença aparecem referências ao conteúdo dos panfletos ou a vida dos acusados, como o fato deles viajarem para outros lugares para enviar seus panfletos ou o fato de Hans e Schmorell terem pichado os muros da universidade, rapidamente, associamos isso ao relato de Inge Scholl e/ou ao filme de Verhoeven. Porém, compreender um texto como um todo não significa solucionar os obstáculos da tradução; saber em que contexto certas palavras eram usadas é essencial para nossa interpretação e escolha lexical.

O primeiro desafio de nossa tradução foi o termo *Volksgerichtshof*, o qual poderia ser traduzido por “Tribunal do Povo” ou “Tribunal Popular”, porém sabemos que essas expressões não abrangem o real significado da expressão original, pois como todas as palavras acompanhadas pelo termo *volk*, o nome desse tribunal possui um significado muito conhecido e importante no período do governo nazista. Optamos pela Expressão “Tribunal do Povo”, pois a palavra “popular” poderia fazer com que um leitor brasileiro associasse esse tribunal nazista a um tribunal democrático e popular, o que não era o caso.

Outro termo recorrente na redação de Freisler é *Volk*. A difusão desse sintagma deve-se ao fato do regime de Hitler valorizar a coletividade em detrimento da consciência individual, conforme explicou Klemperer (2009:85), o indivíduo é parte de um todo, não possui vontade, nem idéia próprias.

Ao traduzir a palavra *Volk* como “povo”, temos que lembrar que no governo de Hitler “o povo alemão” não contemplava todas as pessoas nascidas e criadas em território alemão, fazia parte deste “povo” as pessoas arianas que seguiam as doutrinas nazistas. Assim, um termo que em alemão era usado para um grupo seleto de pessoas encontra em seu equivalente em português um significado muito mais abrangente.

Expressões como *Fürsorge der nationalsozialistischen Regierung* e *nationalsozialistische Bevölkerungspolitik*, foram traduzidas, respectivamente, por “assistência do regime nacional-socialista” e “política populacional nacional-socialista”. Mais uma vez, o equivalente em português não contempla todo o significado expresso no alemão. No caso de *Fürsorge*, essa assistência não se estendia a toda a população, ela excluía aos judeus; quanto ao *Bevölkerungspolitik*, era a idéia do governo decidir quem poderia ter filho, conceito de homogeneização racial.

Em pesquisas iniciais tudo que nós encontrávamos sobre o julgamento dos irmãos Scholl eram que eles foram julgados pelo juiz Freisler e executados no mesmo dia. No entanto, ao nos depararmos com a sentença encontramos o nome de outras quatro pessoas desconhecidas para nós, as quais apareciam como participantes do julgamento.

Inicialmente, não identificamos que se tratava de nomes de pessoas e pensamos que poderia ser uma referência a cidades, nas quais o juiz Freisler trabalhou. Após uma pesquisa sobre esses nomes em sites de busca, descobrimos que Stier, Breihaupt, Bunge e Kölgmaier eram comandantes nazistas, mas ainda não sabíamos o porquê de seus nomes aparecerem na sentença. Apenas através do livro de Rätsch (1992:12), compreendemos que o Tribunal do povo era formado por um colegiado de juízes, do qual Freisler era o presidente e os outros quatro juízes eram escolhidos entre pessoas ligadas ao partido ou ao exército nazista.

A pesquisa extra-textual nos auxiliou também no entendimento do ponto de vista de Freisler e, por conseqüência, na interpretação das expressões utilizadas por ele. O juiz nazista defendia que um soldado deveria ser extremamente fiel ao *Führer*, entretanto, quando Hans e Probst produziram panfletos contra a guerra e o estilo de vida nacional-socialista, eles foram de encontro a este preceito.

É nesse contexto que as expressões *Wehrkraftzersetzung* e *Wehrkraft zersetzen* foram empregadas e, em nosso trabalho, estão traduzidas como “corrupção militar” e “corrompendo a força militar”. Os termos “corrupção” e “corromper” foram selecionados por conterem em seu significado a idéia de perverter, de depravação de hábitos e costumes, além de também ter o sentido de decomposição[[3]](#footnote-3). Freisler acusa os jovens justamente de alta traição e de tentar produzir uma “rachadura na unidade fechada de nossa frente de combate”.

No início da sentença nos é apresentado o lugar onde os réus residem e onde nasceram, segundo Markstein (2006), nomes de lugares são considerados marcadores culturais, ou seja, elementos específicos de uma determinada sociedade. Por isso, para um leitor alemão a informação de que Aldrans e Innsbruck são cidades da Áustria (que durante o período do Nacional Socialismo foi anexada à Alemanha) é conhecida; porém, um leitor brasileiro dificilmente terá esse conhecimento e poderá deduzir que ambas pertencem à Alemanha. Sendo assim, para evitar equívocos quanto à localização das cidades, optamos por acrescentar entre parênteses após o nome de Innsbruck a palavra Áustria.

Para a tradução da palavra *Untermenschentum* como “sub-humanidade”, recorremos a Miriam Bettina Paulina Oesler, tradutora do livro *LTI* de Klemperer, porém é importante salientar que no livro *LTI* aparece como um termo adotado pelos nazistas para referir-se aos judeus; já na sentença ela é uma citação de um dos panfletos da *Rosa Branca* e foi usada para fazer referência ao nazismo.

Através da contextualização histórica sabemos que Hans e Probst pertenciam à companhia estudantil, por isso eles se dividiam entre o papel de estudante e o de soldado. Essa informação nos auxiliou na compreensão das expressões “Als Soldat...zum Studium kommandiert“ e „zum Studium kommandierter Soldat“, as quais foram traduzidas, respectivamente, por “como soldado...encarregado de estudar” e “soldado com obrigação de estudar”. Em ambas as traduções, temos a idéia de que como integrantes da companhia estudantil, uma de suas funções era o estudo.

Outro obstáculo para a tradução foi a citação de um trecho de uma canção, a qual só foi possível chegar a uma solução pesquisando que canção era essa e compreendendo o contexto em que ela foi empregada. Esse verso pertence ao soneto “Leier und Schwert” de Theodor Körner, escrito em 1813[[4]](#footnote-4), ele faz um chamado para luta em defesa de sua nação, período em que eles enfrentavam a invasão de Napoleão Bonaparte.

Como comentamos, há na sentença uma citação das leis que os réus tinham infringido: *§ 5 KriegssonderstrafVG und § 91 b StGB*. Para *§ 91 b StGB* há uma tradução direta “artigo 91b do código penal”, já para o termo *KriegsonderstrafVG*, não encontramos nenhum equivalente em português, por isso adotamos uma tradução que explicitasse o que ele significa: “Código Penal para caso de Guerra”.

Neste capítulo, escolhemos apenas alguns exemplos para mostrar como a pesquisa extra-textual nos ajudou na interpretação e tradução de nosso *corpus*. Mostramos aqui como para traduzir um texto tivemos que recorrer a pesquisas sobre os mais diversos elementos.

# 10. Conclusão

Este projeto se propôs a traduzir a sentença judicial contra os irmãos Scholl e Christoph Probst ressaltando a importância da pesquisa extra-textual para a interpretação do texto e para a seleção do léxico. Por ser um documento pertencente ao período nazista, utilizamos essencialmente material histórico para contextualizar a nossa tradução.

Como resultado deste trabalho, podemos citar a coleta de material relevante e inédito para leitores brasileiros. Além disso, a compreensão textual do texto de partida é facilitada por meio da contextualização histórica e maior conhecimento do tema, o que é essencial para a tradução. Observamos também que obras como *LTI* nos chamam a atenção para o valor ideológico de certas palavras, enquanto o filme e a invalidação das sentenças conscientizaram sobre o processo de revisão histórica alemã. Lembramos ainda que um trabalho de tradução sempre é também um trabalho de divulgação, pois com a tradução possibilitamos que um maior número de pessoas tenha acesso a essa história.

Observamos que o fato de não existir uma equivalência plena entre a língua-fonte e a língua-alvo, pode representar uma possível perda de sentido de um determinado termo. Cabe ao tradutor buscar soluções para tentar amenizar esse prejuízo em sua redação.

Por meio deste trabalho, vemos as dificuldades que se apresentam durante a compreensão e interpretação das particularidades lingüístico-culturais do texto de partida. Como afirma Azenha (1999:40), transformar “um texto produzido na cultura *a* em outro produzido ou a ser produzido na cultura *b*, não significa apenas alterar códigos,.., mas também transpor barreiras culturais”. Por isso, o tradutor deve buscar estratégias para lidar com esse embate entre duas realidades distintas.

É neste sentido que surge a pesquisa estra-textual, como uma forma de contornar os obstáculos lingüísticos-culturais, pois tendo mais informações sobre o “outro”, compreendemos melhor o texto e evitamos interpretações e associações equivocadas. Além disso, esse tipo de pesquisa amplia as nossas possibilidades de tradução.

A tradução será o resultado de uma interpretação aprofundada do texto de partida e das estratégias de adaptação dos elementos do contexto histórico para outra realidade lingüística e histórico-cultural. Dessa forma, concluímos a necessidade de contextualizar a obra traduzida para melhor compreendê-la, pois é através de muita pesquisa e, no nosso caso, mais especificamente pesquisa histórica, que o tradutor consegue mais subsídios para as suas interpretações e escolhas.

# 

# 11. Referências Bibliográficas

AUBERT, Francis Henrik. Introdução. In: *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: UNICAMP, 1994, p. 7-14.

AZENHA JR., João. Pressupostos Teóricos. In: *Tradução técnica e condicionantes culturais: Primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 17-41

DIE WEISSE Rose. Direção: Michael Verhoeven. Produktion: Sentana/ CCC- Filmkunst/ Hessischer Rundfunk. Intérpretes: Lena Stolze, Martin Benrath, Wulf Kessler, Oliver Siebert, Ulrich Tukur, Werner Stocker e outros. Roteiro: Michael Verhoeven e Mario Krebs. Música: Konstatin Wecker. Alemanha: TeleCulture, 1982. 1 DVD (123 minutos).

ELUF, Luiza Nagib. O TJ não pode absolver quem o tribunal do júri condenou. *Revista Consultor Jurídico*, 14 de março de 2006. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2006-mar-14/tj_nao_absolver_quem_tribunal_juri_condenou>. Acesso em 28 de fevereiro de 2011.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. Linguagem de especialidade e o texto técnico-científico: notas conceituais. *Transinfomação*. PUC-Campinas, 2004. Disponível em: <http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=73>. Acesso em 2 de fevereiro de 2011.

HÖNIG, HansG. Text Verstehen und Recherchieren. In: SNELL-HORNBY, Mary; HÖNIG, Hans; KUSSMAUL, Paul; SCHMITT, Peter A. (hrsg.). *Handbuch Translation*. Tübingen: Stauffenburg, 2006, p. 160-164.

HOUAISS Eletrônico. Version 1. Objetiva, 2009. 01 CD-Rom.

KLEMPERER, Victor. *LTI. A linguagem do Terceiro Reich.* Tradução de Miriam Bettina Paulina Oesler. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009, p. 269-340.

KÖRNER, Theodor. Aufruf. *Freiburger Anthologie* Disponível em: <http://freiburger-anthologie.ub.uni-freiburg.de/fa/fa.pl?cmd=gedichte&sub=show&noheader=1&add=&id=468>. Acesso em 30 de janeiro de 2011.

KOLLER, Werner. Grundlagen. In: *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Quelle & Mayer, 2004, p. 24-34.

KRAUSZ, Luis Sérgio. Consciência e inconsciencia do nazismo. In: *Pandaemonium Germanicum* - Revista de estudos germanísticos, v.15, 2010, p. 190-196.

KUPSCH-LOSEREIT, Sigrid. Gerichtsurteile. In: SNELL-HORNBY, Mary; HÖNIG, Hans KUβMAUL, Paul; SCHMITT, Peter A. (hrsg.). *Handbuch Translation*. Tübingen: Stauffenburg, 2006, p.225-228.

LEI DE NUREMBERG 1935 ou lei da cidadania do Reich. *Artigonal*. 2010. Disponível em: <http://www.artigonal.com/direito-artigos/lei-de-nuremberg-1935-ou-lei-da-cidadania-do-reich-1912933.html>. Acesso em 30 de janeiro de 2011.

MARKSTEIN, Elisabeth. Realia. *In.:* HÖNIG, Hans G.; SNELL-HORNBY, Mary; KUSSMAUL, Paul; SCHMITT, Peter A. (Hrsg.). *Handbuch Translation*. Tübingen : Stauffenburg-Verlag, 2006, p.288-291.

METZ, Erhard. “Heute vor 25 Jahren: Deutscher Bundestag ächtet den Volksgerichtshof”. In: Feuilleton Frankfurt: Das Internet-Magazin von Erhard Metz. Disponível em: <http://erhard-metz.de/2010/01/25/heute-vor-25-jahren-deutscher-bundestag-aechtet-den-volksgerichtshof/>. Acesso em 28 de julho de 2010.

MOMMSEN, Hans. Der Keisauer Kreis und die künftige Neuordnung Deutschlands. In: *Alternative zu Hitler.* München: Verlag C.H. Beck, 2000, p.207-229

NICOLAU JÚNIOR, Mauro. **A decisão judicial e os direitos fundamentais constitucionais da democracia.** Jus Navigandi, Teresina, ano 10, n. 763, 6 ago. 2005. Disponível em: [<http://jus.uol.com.br/revista/texto/7101>](http://jus.uol.com.br/revista/texto/7101/a-decisao-judicial-e-os-direitos-fundamentais-constitucionais-da-democracia). Acesso em: 7 fev. 2011.

RÄTSCH, Birgit. Volksgerichtshof. Bühne für Prozesse einer willfährigen Justiz. In: *Hinter Gittern. Schriftsteller und Journalisten vor Volksgerichtshof 1934-1945.*Bonn; Berlin: Bouvier, 1992, p.11-20.

REICHMANN, Tinka. Reflexões sobre a linguagem jurídica brasileira e as conseqüências para a tradução. In: *Portugiesische Sprachwissenschaft traditionell- modern- innovativ*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2010, p. 201-218.

SARMENTO FILHO, Manoel Soares; SANTOS, Carlos Almeida. Linguagens de especialidade. Um inventário de verbetes para dicionários técnico-científicos. In: Cadernos do IX Congresso Nacional de lingüística e filologia, no16, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/16/10.htm>. Acesso em 2 de fevereiro de 2011

SCHMITZ-BERNING,Cornelia. *Vokabular des Nationalsozialismus*. Berlin, New York: de Gruyter, 2000,p. 665

SCHOLL, Inge. *Die Weiβe Rose.* Frankfurt: S. Fischer, 1994.

STEFAHN, Harald. *Die Weiβe Rose*. Hamburgo: Rowohlt Taschenbuch Verlag, 1992, p. 56- 111.

TECHNAU, Giselher. *Inge Scholl- A Patriot for Democracy.* Disponível em: <http://weisse-rose-crailsheim.de/index.php?show=inge-scholl_eng&seite=1>. Acesso em 28 de julho de 2010.

VERHOEVEN, Michael; KREBS, Mario. *Die Weiβe Rose. Der Widerstand Müncher Studenten gegen Hitler: Informationen zum Film.* Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982.

WOODSWORTH, Judith. Geschichte des Übersetzens. Tradução de Rolf Geiser. In: SNELL-HORNBY, Mary; HÖNIG, Hans; KUSSMAUL, Paul; SCHMITT, Peter A. (hrsg.). *Handbuch Translation*. Tübingen: Stauffenburg, 2006, p. 39-43.

# 12. Anexos

## Anexo I: Sentença original contra os irmãos Scholl e Probst

I**m Namen des Deutschen Volkes**  
  
In der Strafsache gegen   
1.) den Hans Fritz Scholl aus München, geboren in Ingersheim am 22. September 1918,   
2.) die Sophia Magdalena Scholl aus München, geboren in Forchdenberg am 9. Mai 1921,   
3.) den Christoph Hermann Probst aus Aldrans bei Innsbruck, geboren in Murnau am 6. November 1919,   
zur Zeit in dieser Sache in gerichtlicher Untersuchungshaft, wegen landesverräterischer Feindbegünstigung, Vorbereitung zum Hochverrat, Wehrkraftzersetzung   
hat der Volksgerichtshof, 1. Senat, auf Grund der Hauptverhandlung vom 22. Februar 1943, an welcher teilgenommen haben

als Richter:   
Präsident des Volksgerichtshofs Dr. Freisler,

Vorsitzer,   
Landgerichtsdirektor Stier,   
SS-Gruppenführer Breithaupt,   
SA-Gruppenführer Bunge,   
Staatssekretär und SA-Gruppenührer Köglmaier,   
als Vertreter des Oberreichsanwalts:   
Reichsanwalt Weyersberg,   
für Recht erkannt:   
Die Angeklagten haben im Kriege in Flugblättern zur Sabotage der Rüstung und zum Sturz der nationalsozialistischen Lebensform unseres Volkes aufgerufen, defaitistische Gedanken propagiert und den Führer aufs gemeinste beschimpft und dadurch den Feind des Reiches begünstigt und unsere Wehrkraft zersetzt.   
  
Sie werden deshalb mit dem   
Tode

bestraft.  
Ihre Bürgerehre haben sie für immer verwirkt.  
  
  
***Gründe***  
  
Der Angeklagte Hans Scholl hat seit Frühjahr 1939 Medizin studiert und steht - Dank der Fürsorge der nationalsozialistischen Regierung - im achten Semester! Zwischendurch war er im Frankreichfeldzug in einem Feldlazarett und von Juli bis November 1942 an der Ostfront im Sanitätsdienst tätig.  
Als Student hat er die Pflicht vorbildlicher Gemeinschaftsarbeit. Als Soldat - er ist als solcher zum Studium kommandiert, hat er eine besondere Treuepflieht zum Führer. Das und die Fürsorge, die gerade ihm das Reich angedeihen ließ, hat ihn nicht gehindert, in der ersten Sommerhälfte 1942 Flugblätter "der weißen Rose" zu verfassen, zu vervielfältigen und zu verbreiten, die defaitistisch Deutschlands Niederlage voraussagen, zum passiven Widerstand, der Sabotage in Rüstungsbetrieben und überhaupt bei jeder Gelegenheit auffordern, um dem deutschen Volk seine nationalsozialistische Lebensart und also auch Regierung zu nehmen.  
Das, weil er sich einbildete, daß nur so das deutsche Volk durch den Krieg durchkommen könne!!   
Von Rußland im November 1942 zurückgekehrt, forderte Scholl seinen Freund, den Mitangeklagten Probst auf, ihm ein Manuskript zu liefern, das dem deutschen Volk die Augen öffne! Einen Flugblattentwurf wie gewünscht lieferte Probst dem Scholl auch tatsächlich Ende Januar 1943.   
In Gesprächen mit seiner Schwester Sophia Scholl entschlossen sich beide, Flugblattpropaganda im Sinne einer Arbeit gegen den Krieg und für ein Zusammengehen mit den feindlichen Plutokratien gegen den Nationalsozialismus zu treiben. Die beiden Geschwister, die ihre Studentenzimmer bei derselben Vermieterin hatten, verfaßten gemeinsam ein Flugblatt »an alle Deutschen». In ihm wird Deutschlands Niederlage im Krieg vorausgesagt: der Befreiungskrieg gegen das »nationalsozialistische Untermenschentum» angesagt und werden Forderungen im Sinne liberaler Formaldemokratie aufgestellt. Außerdem verfaßten die Geschwister ein Flugblatt »deutsche Studentinnen und Studenten» (in späteren Auflagen »Kommilitoninnen und Kommilitonen»). Sie sagen der Partei Kampf an, der Tag der Abrechnung sei gekommen, und scheuen sich nicht, ihren Aufruf zum Kampf gegen den Führer und die nationalsozialistische Lebensart unseres Volks mit dem Freiheitskampf gegen Napoleon (1813) zu vergleichen und auf ihn das Soldatenlied »frisch auf mein Volk, die Flammenzeichen rauchen» anzuwenden!!!   
Die Flugblätter haben die Angeklagten Scholl teilweise mit Hilfe eines Freundes, des Medizinstudenten Schmorell, vervielfältigt und in allseitigem Einvernehmen verbreitet:   
1. Schmorell fuhr nach Salzburg, Linz, Wien und warf dort 200, 200, 1200 adressierte Flugblätter für diese Städte und in Wien außerdem 400 für Frankfurt am Main in Briefkästen;   
2. Sophia Scholl warf in Augsburg 200 und ein andermal in Stuttgart 600 in Postbriefkästen.   
3. Nachts streute Hans Scholl zusammen mit Schmorell Tausende in Münchner Straßen aus.   
4. Am 18. Februar legten die Geschwister Scholl 1500- 1800 in der Münchener Universität in Päckchen ab und Sophia Scholl warf einen Haufen vom 2. Stock in den Lichthof.   
Hans Scholl und Schmorell haben auch am 3., 8. und 15.2.43 nachts an vielen Stellen Münchens, so vor allem auch an der Universität, Schmieraktionen mit den Inschriften »Nieder mit Hitler», »Hitler der Massenmörder», »Freiheit» durchgeführt. Nach der ersten Aktion erfuhr das Sophia Scholl, war damit einverstanden und bat - freilich vergeblich - künftig mitmachen zu dürfen!   
Die Auslagen - im ganzen ungefähr 1000 Mark - haben die Angeklagten selbst bestritten.   
Probst hat auch sein Medizinstudium im Frühjahr 1939 begonnen und steht jetzt als zum Studium kommandierter Soldat im 8. Semester. Er ist verheiratet und hat 3 Kinder von 2 1/2, 5 1/4 Jahren und 4 Wochen. Er ist ein »unpolitischer Mensch», also überhaupt kein Mann! Weder die Fürsorge des nationalsozialistischen Reichs für seine Berufsausbildung noch die Tatsache, daß nur die nationalsozialistische Bevölkerungspolitik ihm ermöglichte, als Student eine Familie zu haben, hinderten ihn, auf Aufforderung Scholls »ein Manuskript» auszuarbeiten, das den Heldenkampf in Stalingrad zum Anlaß nimmt, den Führer als militärischen Hochstapler zu beschimpfen, in feigem Defaitismus zu machen, und das dann in Aufrufform übergehend, zum Handeln im Sinne einer wie er vorgibt ehrenvollen Kapitulation unter Stellungnahme gegen den Nationalsozialismus auffordert. Er belegt die Verheißungen seines Flugblattes durch Bezugnahme auf - Roosevelt! Und hat dies sein Wissen vom Abhören englischer Sender!   
Alle Angeklagten haben das oben Festgestellte zugegeben. Probst versucht sich mit »psychotischer Depression» bei Abfassung zu entschuldigen. Grund hierfür sei Stalingrad und das Wochenbettfieber seiner Frau gewesen. Allein das entschuldigt eine solche Reaktion nicht.   
Wer so, wie die Angeklagten, getan haben, hochverräterisch die innere Front und damit im Kriege unsere Wehrkraft zersetzt und dadurch den Feind des Reiches begünstigt (§ 5 KriegssonderstrafVG und § 91 b StGB), erhebt den Dolch, um ihn in den Rücken der Front zu stoßen! Das gilt auch für Probst, der zwar behauptet, sein Manuskript habe kein Flugblatt werden sollen, denn das Gegenteil zeigt schon die Ausdrucksweise des Manuskriptes. Wer so handelt, versucht gerade jetzt, wo es gilt, ganz fest zusammenzustehen, einen ersten Riß in die geschlossene Einheit unserer Kampffront zu bringen. Und das taten deutsche Studenten, deren Ehre allzeit das Selbstopfer für Volk und Vaterland war!   
Wenn solches Handeln anders als mit dem Tode bestraft würde, wäre der Anfang einer Entwicklungskette gebildet, deren Ende einst - 1918 - war. Deshalb gab es für den Volksgerichtshof zum Schutze des kämpfenden Volkes und Reiches nur eine gerechte Strafe: die Todesstrafe. Der Volksgerichtshof weiß sich darin mit unseren Soldaten einig!   
Durch ihren Verrat an unserem Volk haben die Angeklagten ihre Bürgerehre für immer verwirkt.  
  
Als Verurteilte müssen die Angeklagten auch die Kosten des Verfahrens tragen.

gez. Dr. Freisler

Stier.

## Anexo II: Fichamentos

**U**NIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

Departamento de Letras Modernas

Área de Alemão: Língua, Literatura e Tradução

Renata Benassi- Yasmin Utida- Raquel Alves

**A Rosa Branca**

STEFAHN, Harald. *Die Weisse Rose*. Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag, 1992. p. 56-103

**Contexto Alemão**

* Durante o Terceiro Reich o clima interno alemão estava dividido, pois ao mesmo tempo em que a política de Hitler perseguia os judeus, buscava também reerguer o país, o qual após a Primeira Guerra tinha ficado em uma situação complicada. Através de filmes e propagandas, Hitler gerou um ultranacionalismo, o que fez com que em pouco tempo muitos apoiassem uma nova guerra.
* Muitos daqueles que inicialmente apoiavam Hitler, mais tarde se tornaram seus opositores. Podemos dizer que o Nacional Socialismo foi repleto de contrastes e por isso gerou as mais diversas reações.
* Os estudantes rejeitaram o Nacional Socialismo desde o começo. E os Graf, Muth e Haecker rejeitaram o nazismo por motivos religiosos.

**Crença e Política**

* Christoph Probst, Hans e Sophie Scholl, Willi Graf, Ricardo Huch e Alexander Schmorell (que apesar de ter outra religião lutou como os outros) eram motivados pela religiosidade. Portanto, o espírito da Rosa Branca só pode ser compreendido a partir da relação religiosa de seus representantes.
* Outro fator foi a política. Segundo o pai dos irmãos Scholl: a questão política sempre desempenhou um papel dominante em sua casa, o que mais tarde levou à prisão do mesmo.

**Os primeiros panfletos**

* As reuniões no ateliê de Eickmeyer reuniam discussões e idéias de cientistas e estudantes de diversas áreas do conhecimento e idades e de ambos os sexos.
* O primeiro panfleto circulou entre 15 e 20 de junho de 1942 e foi distribuído em Munique. Os endereços dos universitários eram coletados na lista telefônica. Os primeiros panfletos foram feitos a máquina de escrever e traziam a influência religiosa do grupo.

Sobre a escolha do nome do grupo de resistência:

* A hipótese mais plausível é que tenha se originado do <<Romanzen vom Rosenkranz>>, uma sucessão de 20 romances épicos de Clemens Brentano do séc. 19.
* Hans Scholl afirma que procurava um nome sonoro, que expressasse um conceito fixo implícito, além disso, cita-se sua admiração pela obra de Brentano – interpretação do protocolo de interrogatórios da Gestapo, em 1992
* Em 1942, Hitler e os <<Goldfasane>> contavam com o prestígio entre o povo alemão, mesmo com a “Winterkrise” (Crise de inverno). Muitas baixas e terror na guerra. (Ex. 240 000 mortos na conquista da batalha de primavera na península Kertsch*,* na Rússia). – Contexto do surgimento dos panfletos.

**Sobre as idéias e citações nos panfletos <<Widerstand in Zitaten>>**

* Traços de linguagem apocalíptica e com caráter de revelação divina com a influência teológica de Muth e Haecker como uma forma tangível de abordar a dissolução do debate político no período e da organização do Estado como a ordem divina: “*die Macht des Bösen*”. “*die dämonischen Mächte*”. Há referências ao Antigo Testamento (Revelação a João), a Lutero e ao pensamento de Santo Agostinho.
* Há alusões a Schiller com a reflexão sobre outras formas de organização do Estado.
* A máxima de Cícero: *Salus publica suprema Lex* é o mote do terceiro panfleto.
* Há a preocupação da resistência pacífica para um futuro realmente diferente e livre da arbitrariedade violenta da ditadura – marca do terceiro panfleto
* Holocausto e campos de concentração – junho de 1942 (Auschwitz, Belzec, Sobibor). Heinrich Himmler anuncia o banimento do povo judeu na Alemanha, que se realizaria plenamente em um ano, através da Gestapo (polícia nazista).
* A argumentação e denúncia nos panfletos são feita de maneira implícita, por meio da citação do pensamento de pensadores e poetas, como Aristóteles, Lao Tse, Goethe, Schiller e Novalis.
* Traute Lafrenz é o contato de Hans em Munique e descobre a autoria dos panfletos ao reconhecer uma citação. Da mesma maneira, Sophie Scholl associa a citação no material de resistência distribuído na universidade ao irmão (o trecho sobre a legislação de Licurgo e Solon, de Schiller)
* Em Munique, os panfletos tiveram grande repercussão no meio acadêmico, porém o silêncio após o quarto panfleto leva à inquietação – eles começam a se questionar quanto à objetividade das ações (mais radicais ou não), o que juntamente com o recrutamento de alguns para guerra, resultou em uma pausa do movimento.

**A luta se espalha**

Por ocasião da batalha de Stalingrado, uma das tragédias mais terríveis da história, percebe-se um desejo de se retomar as atividades do Rosa Branca, a qual teve as seguintes fases:

* **Divulgação da volta entre os militantes do grupo**: Sophie → Hartnagel, Hans → Otl Aicher
* **Reuniões** – As reuniões foram descritas no diário de Willi Graf, - desde as conversas e intercâmbio de idéias até o ato propriamente dito (panfletos e distribuição dos mesmos).
* **Expansão das idéias do Rosa Branca para grupos ou pessoas com idéias oposicionistas** – Lafrenz contata um grupo oposicionista de Hamburgo, Willi contata amigos da Colônia, Bonn, Saarbrücken e Freiburg, uma amiga de Schmorell contata um dramaturgo de Weimar Harnack, que foi soldado em Chemnitz e Hans e Schmorell tentam entrar em contato com os grupos de oposição de Berlim
* **Preocupação e procura por um respaldo político** – Hans Scholl e Alexander Schmorell procuram Harnack e apresentam a ele uma cópia dos panfletos que já haviam sido distribuídos. Harnack critica a proposta apresentada nos panfletos por ser muito “floreada” pela filosofia e aconselha que essas propostas devessem ser mais realistas e apresentar as proposta políticas mais claramente.
* **O quinto panfleto** – enquanto os panfletos de 1 até 4 foram formulados academicamente o quinto panfleto apresentava idéias comunistas e segundo a opinião de Kurt Huber (professor da Universidade que apoiava as idéias do grupo) o panfleto se assemelhava a um manifesto (Kommandoaufruf). Entretanto, o que Hans e Schmorell tinham feito era colocar em prática os conselhos de Harnack.
* **Distribuição dos panfletos** – a distribuição dos panfletos fora organizada em vários estados da Alemanha a fim de confundir a Gestapo, a qual não deveria pensar que o movimento era exclusivamente de Munique, mas que estava espalhado por toda Alemanha.
* **“Pichação” dos muros** – A “Pichação” começa com Hans, Alex e Willi que escrevem nos muros da rua em frente à Universidade (Ludwigstrasse) frases contra Adolf Hitler, como: <<Fora Hitler!>>

“Wir haben eine groβartige Überrachung für Dich. Wenn Du Morgen durch die Ludwigsstraße gehst, wirst Du Ungefähr Siebzigmal die Worte <Nieder mit Hitler> passieren müssen. – und in Friedensfarben, die kriegen sie so schnell nicht wieder runter.” (p. 98)

Depois disso começaram aparecer escritos também em prédios públicos como:<<Hitler Massenmörder>>.

* **Confronto: Estudantes X Polícia** - Na comemoração dos 470 anos da Universidade realizada no Museu Alemão, o líder provincial (Gauleiter) [[5]](#footnote-5) disse as alunas da universidade que seria bem melhor se elas se preocupassem em dar filhos ao Hitler ou com os assuntos da guerra do que estudar. Muitas alunas ao ouvir isso quiseram se retirar da sala, mas foram impedidas e depois presas. Os estudantes homens tentando defender as meninas, ficaram em frente ao museu e com alto-falantes pediram a soltura delas. O ato foi rapidamente reprimido pela polícia, no entanto as meninas foram soltas.
* **Sexto e último panfleto** – Depois da notícia do término da batalha de Stalingrado e do ocorrido no Museu Alemão. O professor Huber fez uma aula falando sobre as vítimas de Stalingrado, a atitude das alunas no museu e sobre os panfletos. Hans e Schmorell fazem então o sexto panfleto baseado nas observações do professor Huber. O sexto panfleto começa com as palavras Liberdade e Honra e termina da mesma forma.

**18. Fevereiro**

* Distribuição dos panfletos nos corredores da universidade (Hans e Sophie Scholl)
* Opinião de Inge Scholl – Inge Scholl que sempre apoiara o movimento considerou o ato de distribuir os panfletos nos corredores da universidade imprudente e de extreme perigo, pois segundo ela tal atitude, se descoberta, teria como conseqüência a pena de morte.

“Es muss mit aller Entschiedenheit erklärt werden, dass sich alle Sechs nicht den geringsten Zweifeln über die Folgen ihres Tuns hingegeben haben. Dass nun und nicht anderes als die Todesstrafe bei der Aufdeckung ihrer Aktion zu erwarten war, wusste damals jeder, der offene Augen hatte. “(p. 106)

* Prisão dos Irmãos Scholl – Sophie e Hans foram pegos em frente a Universidade e pediram que toda a culpa dos atos de oposição fosse dada a eles, para que os outros fossem soltos.
* Caso de tribunal – O caso foi levado a tribunal pela desordem e repercussão que causou.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

Departamento de Letras Modernas

Renata Benassi

**RESUMO**

KOLLER, Werner. Grundlagen. In: KOLLER, Werner. *Einführung in dieÜbersetzungswissenschaft*. Quelle & Mayer, 2004, p. 24-34.

Apesar de grande parte da opinião pública e muitos clientes não aprovarem as traduções, todas as áreas comunicativas de nossa cultura reconhecem a importância da profissão de tradutor e do papel da tradução. A tradução (tradução escrita) e a interpretação (tradução oral) são atividades necessárias e indispensáveis tanto para áreas técnicas e científicas, como para negócios internacionais, ou mesmo para ler uma boa literatura.

O tradutor é reconhecido como um mediador entre línguas, nações, ideologias, ciências e culturas. August Schlegel (1826, in Störig, 1973: 98) vê no tradutor um mensageiro de nação para nação. Para Cary (1956:180) ele seria um intermediário entre o conhecido e o desconhecido.

Quando nos deparamos com algo expresso em outro idioma ou em uma linguagem mais antiga, precisamos de um intérprete e tradutor que com seu conhecimento linguístico produz a comunicação, tornando o incompreensível ou inacessível em algo compreensível.

Por meio do traduzir e da tradução, as barreiras linguísticas e culturais são superadas. Entende-se como principal barreira linguística o impedimento da comunicação devido aos idiomas diferentes. Barreiras linguísticas são sempre barreiras comunicativas e frequentemente são também barreiras culturais; entretanto, muitos obstáculos culturais não são de forma alguma obstáculos linguísticos, e poderiam ser superados com a tradução ou a transferência linguística-cultural. As barreiras linguísticas são resultado do multilinguismo da humanidade, pois, além dos diferentes idiomas, há também os inúmeros dialetos.

A tradução é necessária, uma vez que em média as pessoas dominam somente uma ou duas línguas estrangeiras. Mesmo quando estão familiarizadas com uma determinada língua estrangeira, não quer dizer que estejam aptas o suficiente para a compreensão de todos os textos dessa língua, pois o texto pode estar em um dialeto desconhecido ou então empregar uma linguagem antiga. Portanto, um tradutor precisa ser capaz de ler e compreender diferentes tipos de texto em sua língua materna, antes de traduzir textos em outro idioma.

Em seguida, Koller apresenta o conceito de língua “maior” e “menor”, no qual defende que alguns idiomas são melhores para falar sobre um determinado assunto, por possuírem um número de falantes maior (língua “maior”), e que traduzir para outra língua seria anti- econômico (língua menor). O contrário também é válido, isto é, algum texto técnico, científico ou literário produzido em uma língua “menor” deve ser traduzido para uma língua “maior”, para que alcance uma maior quantidade de leitores/ouvintes.

O autor afirma que devido a essa constatação, os países nórdicos esforçam-se desde cedo para ensinar nas escolas o inglês, considerada a língua mundial. Essa idéia de língua “maior” e “menor”, não impede que se façam traduções para qualquer idioma, Koller apenas acredita que alguns idiomas são melhores para expressar um determinado assunto, como por exemplo, para linguagem técnica o melhor seria usar o inglês.

Por fim, o autor nos apresenta a quantidade de traduções produzidas na Alemanha ao longo de alguns anos, por meio de tabelas publicadas pela UNESCO no *Statistical Yearbook,* as quais mostram que o idioma mais traduzido é o inglês.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

Departamento de Letras Modernas

Renata Benassi

**Fichamento**

SCHÄFFNER, Christina. Metaphern. In.: G.; SNELL-HORNBY, Mary; HÖNIG, Hans KUβMAUL, Paul; SCHMITT, Peter A. (hrsg.). *Handbuch Translation*. Tübingen : Stauffenburg, 2006. S. 280-285.

Metáforas são marcas típicas da comunicação e representam um desafio para a tradução, por isso, são citadas na tradutologia como um problema. Há relativamente poucas publicações que se dediquem especialmente a este fenômeno.

Definição de Metáfora

Durante muito tempo existiu a visão de que a função principal da metáfora era ser um enfeite estilístico do texto, porém, no decorrer do século XX, descobriu-se que metáforas são típicas da linguagem comum e são fenômenos mais cognitivos e conceituais do que meramente lingüísticos. Uma metáfora consiste em tornar compreensíveis termos de um campo semântico em outro (função cognitiva). Se não existe um sentido semelhante entre um conceito fonte e um conceito alvo, não há uma transferência de significado e a metáfora não se realiza. Essa transferência pode ser encontrada na utilização de termos de guerra relacionados a discussões, como no exemplo em inglês apresentado pela autora “I have never won an argument with him”.

Trabalho de tradução da metáfora e o processo de tradução

Segundo Dagut, o aspecto principal da metáfora é causar um choque no leitor. A tradução deve manter este efeito, contudo, fatores linguísticos e culturais podem impedir a reprodução deste choque, isto é, a metáfora da língua fonte não é reproduzível na língua alvo, pois no idioma alvo a associação semântica invocada pela metáfora na língua fonte não faz sentido ou possui um significado diferente. Schäffner propõe três possíveis soluções para a tradução de metáforas:

1. Tradução direta: traduzir literalmente, mantendo o mesmo sentido na língua alvo.
2. Compensação/ substituição: substituir a metáfora da língua de origem por uma metáfora equivalente na língua alvo.
3. Descrição/ paráfrase: reproduzir o que foi dito na língua de origem sem utilizar metáforas.

Newmark (1981) diferencia as metáforas em cinco tipos: *dead, cliché, stock, recent* e *original;* cada uma representaria um problema diferente para a tradução. Apesar de não encontrarmos no texto a definição para cada tipo de metáfora, Schäffner apresenta algumas soluções de Newmark para traduções de metáforas, no entanto, essas sugestões não serão descritas nesse fichamento por se enquadrarem, de modo geral, nas soluções apresentadas anteriormente. A única solução que não faria parte de nenhuma das três soluções citadas acima é a anulação da metáfora, isto é, se a metáfora tiver apenas uma função retórica, o tradutor pode simplesmente excluí-la de seu texto.

Metáfora e Texto

A escolha do procedimento de tradução depende de diferentes fatores, mas o mais importante é discernir a função da metáfora no texto. Há casos, por exemplo, em que a metáfora é o ponto central do texto, outros em que ela tem apenas uma função retórica; por isso, é necessário entender o sentido deste fenômeno na língua fonte para depois pensar em como ele pode ser expresso na língua alvo.

Metáfora e Cultura

As diferentes culturas são um desafio para a tradução de metáforas, pois estas podem ter associações distintas em cada sociedade. As associações com animais são um bom exemplo dessa interferência da diferença cultural nas traduções de metáforas: na China o dragão é um símbolo que traz sorte, já na cultura européia ele está associado a desgraças.

As associações são feitas muitas vezes através da história de cada sociedade, ou seja, sociedades com histórias diferentes produzem associações diferentes. Não é recomendável traduzir literalmente uma metáfora específica da cultura da língua fonte para a língua alvo, a qual esteja inserida em outra cultura, pois não fará sentido ou criará um sentido diferente do expresso no texto fonte. Por fim, a autora sugere que o tradutor use notas de rodapé, caso decida manter as metáforas determinadas por uma cultura específica.

**U**NIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

Departamento de Letras Modernas

Área de Alemão: Língua, Literatura e Tradução

Renata Benassi

KLEMPERER, Victor. **LTI. A linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009, p. 269-340.

**Capítulo 26: A Guerra Judaica (269- 281)**

Neste capítulo, Klemperer relata como o governo Nazista fez uma forte campanha para convencer a população de que a guerra era contra os judeus, os quais segundo os nazistas representavam uma grande ameaça ao povo ariano. O autor afirma que todo o vocabulário criado durante o governo de Hitler servia justamente para diferenciar e depreciar os judeus.

Até mesmo pessoas que eram contra a Segunda Guerra e não tinham simpatia pelos nazistas, evitavam a companhia dos judeus e achavam que o governo podia estar certo em querer eliminá-los, pois ouviam muita coisa terrível sobre eles nos textos e propagandas criados por Goebbels.

**Capítulo 27: Os óculos judeus (283 – 293)**

Klemperer apresenta uma visão geral da vida cotidiana de um judeu e de como eles enxergavam tudo o que estava acontecendo. Ele relata que vivia nas *Judenhäuser* com os mais diversos tipos de profissionais, entre os quais poderia se encontrar desde médicos e advogados até trabalhadores sem qualificação (o que era uma raridade entre os judeus). Porém, depois das medidas antissemitas esses profissionais, em sua maioria, tornaram-se operários de fábrica, varredores de ruas ou porteiros das *Judenhäuser*.

Essa mudança de profissão gerou hábitos lingüísticos diferentes, eles não só adotaram a linguagem do trabalhador, como expressões relacionadas à estrutura social e os hábitos. O autor também relata como era difícil usar um vocabulário neutro, que até mesmo ele, o qual estava sempre atento “as particularidades lingüística”, não estava isento das influências do meio.

**Capítulo 28: A linguagem do vencedor (295-309)**

Klemperer relata a indignação que sentia toda vez que ouvia um judeu utilizar o que ele chama de “linguagem do vencedor”, isto é, a linguagem dos “hitleristas”. O autor explica que os nazistas se apropriaram de algumas expressões já existentes e contaminaram-nas “de tal forma com suas mãos infectadas que nenhuma pessoa levemente sensata há de querer empregá-la nos próximos cinquenta anos...” (2009:298). Até mesmo historiadores e escritores judeus adotaram essa linguagem do vencedor em suas obras.

**Capítulo 29: Sion (311-328)**

Neste capítulo, há a suposição de que Hitler tenha criado suas ideias nazistas utilizando conceitos defendidos por Herzl, um jornalista judeu vienense, o qual defendia um “Lar Nacional Judaico” na Palestina, ou seja, defendia um movimento sionista. Herzl via os judeus como um povo, como uma unidade política e Hitler os reagrupou sob termo negativo “judaísmo mundial”.

Herzl disseminou nos judeus que viviam no Ocidente a intenção de fazerem parte de um só povo que devia retornar a Palestina. Era natural que encontrássemos as ideias sionistas na Galícia austríaca, pois lá havia uma maciça concentração de judeus que mantinham seu idioma e seus hábitos. Contudo, Herzl nunca teve qualquer pensamento opressor, ou pensou em exterminar outros povos, ou mesmo propôs o conceito de raça superior. “Ele só exige igualdade de direitos para um grupo de oprimidos” (2009:320).

**Capítulo 30: A maldição do superlativo (329- 340)**

Klemperer fala sobre a tendência dos jornalistas do Terceiro Reich em exagerar e usar superlativos. Ele diz que quando se escrevia sobre o número de inimigos mortos se abandonava a exatidão e usava-se expressões como “*unvorstellbar*” (inimaginável) e “*zahlos*” (incontável). Também era comum nesse período a utilização do sufixo *Groβ*, do termo *Welt* como prefixo e do superlativo *welthistorisch*.

**Glossário**

*Anruf des Blutes*: chamamento de sangue, p. 306.

*Aufjudung*: condição judaica (foi uma resposta ao *Aufnorden*), p. 291.

*aufnorden*: tornar mais nórdico (conceito da doutrina nazista), p. 291.

*aufziehen*: estimular, p. 306

*ausradieren*: apagar do mapa (termo usado por Hitler para falar sobre as cidades inglesas), p.276.

*ausrotten*: exterminar, p.276.

*Das internationale Judentum*: o judaísmo internacional, p.277.

*Deine Hand dem Handwerk*: consagra-te ao ofício manual (frase dos primeiros anos do nazismo. Em contraposição aos judeus, ao quais eram acusados por Hitler de comerciantes e *Intelligentzbestien* [bestas da *intelligentsia*]), p. 308.

*Der jüdische Krieg:* A guerra judaica (nome do romance escrito pelo judeu Feuchtwanger, publicado na Inglaterra em 1932. Porém, Hitler adotou essa expressão para dizer que a guerra era contra os judeus), p. 271.

*Die jüdische Brille*: óculos judeus (significava encarar tudo pela óptica judaica), p. 291.

*Die Urheber des Unglücks der Welt*: Responsáveis pela infelicidade no mundo (nome de um artigo de Goebbles, publicado em 1945), p. 279

*Dizimiert:* dizimados, p.288.

*Dreckvieh*: porco imundo, p. 269.

*Eine dickere Lohntüte*: um envelope recheado (era o que os operários diziam de quem recebia um salário maior: “o salário dele vem em um *eine dickere Lohntüte*”), p. 286.

*Eine feiner Pinsel*: literalmente significa um pincel habilidoso; porém, é também uma expressão idiomática que pode ser traduzida por arrogante ou “metido a bacana”, p.286.

*Engpässe*: impasses, p. 300.

*Entdeutschen*: “desalemanizados”, p. 319

*Es ist nicht halb so schlimm!*: não é tão grave assim! (no início do governo de Hitler, muitos judeus tentavam amenizar o que acontecia, por isso era comum dizerem essa frase), p. 291

*Fahrjuden*: judeus que tinha permissão para usar transporte (andar de bonde), p. 301

*Für Juden verboten*: proibido para judeus, p. 304

*Gauleiter*: chefe da província, p. 278.

*geholt werden*: ser buscado (pela Gestapo), p. 289.

*getarnt*: camuflado, p. 305

*greueln*: cometer atrocidades,p. 287

*Greuelnachrichten*: notícias sobre atrocidades, p. 287

*Halbjude*: meio judeu, p. 306.

*Hinaus mit uns*: fora conosco ( em 1933, nas primeiras manifestações públicas nazistas, aparecia um judeu seguindo o cortejo e carregando um cartaz onde estava escrita esta frase), p. 313.

*Ich lasse mich nicht diffamieren!:* Não me deixo difamar! (frase predileta de Hitler), p. 302.

*Juden unerwünscht*: judeus indesejados, p. 304

*Judengottesdienst*: serviço religioso dos judeus (palavra adotada pelos nazistas, no entanto, significava o mesmo que a expressão neutra *Jüdischer Gottesdienst* [serviço religioso judaico]), p.277.

*Judenhure*: prostituta de judeu (era assim que chamavam uma mulher ariana que não queria se separar do marido judeu), p. 278.

*Judenknecht*: vassalo do judeu (pior ofensa que se poderia fazer a um ariano), p. 278.

*Judenpabst(sic)*: papa dos judeus (era o funcionário da Gestapo encarregado de cuidar das questões judaicas, o que era diferente de cuidar dos *Belange* [interesses] judeus), p.287.

*Jüdische Märchenagentur*: agência Judaica da carochinha (termo usado quando havia dúvidas se uma notícia era verdadeira), p. 287.

*Jüdische Rasse*: raça judaica, p.277.

*Jüdischer Mord*: massacre realizado pelos judeus (termo da Primeira Guerra Mundial), p. 318.

*Jüdlein*: judeuzinho, p.272.

*Kaftan*: casaco preto comprido usado pelos remanescentes dos judeus chassídicos, p.272.

*Kampf um Berlin*: Combate por Berlim (livro de Goebbels), p.276.

*kämpferisch*: viris, p. 306

*Kötzschenbroda*: era um termo usado para referir-se a qualquer notícia vinda de Londres, Moscou, Beromünster e Rádio da Liberdade, p.287.

*krank geschrieben werden:* faltar por estar doente (quando alguém faltava ao trabalho não se perguntava se estava doente, e sim se obtivera autorização para *krank geschrieben werden*), p. 286.

*Krankenbehandler*: tratadores de doentes, p. 277.

*Kriegserweiterung*: escalada bélica, p.271.

*Krummnasiger Intellektualismus*: intelectualismo do nariz torto (nome dado à camada intelectual judia), p. 278.

*Lager*: é a forma reduzida de *Konzentrationslager,* isto é, campo de concentração (há também a forma abreviada KZ, que se pronuncia Katcét), p. 287.

*Laufjuden*: judeus pedestres, p. 301

*Melden/sich melden*: apresentar-se (significava apresentar-se à Gestapo depois de uma convocação, isso ligava-se a maus-tratos e cada vez mais significava “não voltar para casa”), p. 287.

*Mischling*: mestiço, p.306.

*Obmann*: capataz, p. 289.

*Rassenschade*: desonra racial (nome dado às relações sexuais entre judeus e arianos), p. 278.

*Räuberhöhle*: cova de ladrões (nome dado às sinagogas por Julius Streicher, *Gauleiter* da Francônia), p. 278.

*Rechtskonsulenten*: Consultores jurídicos, p.277.

*Saujuden*: judeus porcos (aqueles que preferiam se lavar quando chegassem à sua casa), p. 301.

*Schammes*: responsável pela sinagoga, p. 290.

*Schnorrer*:pedinte, p. 289.

*Sippenkunde*: genealogia, p. 319.

*Söldner dieser Weltverschwörung einer parasitären Rasse*: mercenários desse complô mundial de uma raça parasitária (era como os nazistas chamavam os russos e os aliados), p. 279.

*Stürmer:* pasquim alemão voltado contra os judeus, o título significa “O Atacante”, p. 274.

*Tausendjähriges Reich*: império milenar (expressão mais impositiva e impactante do que Terceiro Reich), p. 334.

*Totale Erziehungssituatuion*: ambiente de educação total (escola nazista), p. 333

*untermenschlich*: subumano, p. 320.

*unvorstellbar*: inimaginável, p. 331.

*Verlautbarung*: comunicação, p. 320.

*Volk der Juden*: povo judeu ou nação judaica, p.277 e 299.

*volkhaft*: originário do povo, p. 306.

*völkische Belange*: interesses étnicos (apesar de a palavra Volk estar ligada ao linguajar nazista, alguns judeus a usavam para referir aos seus interesses), p. 299.

*Waschjuden*: judeus que se lavam (diziam daqueles que se lavavam na fábrica), p. 301

*Weltjuden*: judeus do mundo, p. 277.

*zackig:* de maneira enérgica, p. 269.

*zahlos*: incontável, p. 331.

*Zahnbehandler*: tratador de dentes, p. 299.

Termos usados por Hitler e Goebbels para referis-se aos judeus:

*betrügerisch:* fraudulento, p. 278.

*feige:* covarde, p. 278.

*gerissen:* ladino, p. 278.

*krummnasig:* que tem nariz aquilino, p. 278.

*listig:* manhoso, p. 278.

*plattfüβig:* que tem pés chatos, p. 278.

*wasserscheu:* que tem medo de água, p. 278.

Termos comumente usados pelos nazistas:

*Blubodoktrin*: doutrina do sangue e da terra (Blubo é a abreviação de *Blut und Boden*, essa doutrina o camponês apresenta as virtudes raciais nórdicas: coragem, tenacidade, combatividade, etc.), p. 308.

*Bodenständigkeit:* vínculo com a terra, p. 298.

*charakterlich gut*: de bom caráter (linguagem escolar. Havia uma necessidade de empregá-lo nos certificados e diplomas; significava “nazista irrepreensível”), p. 300.

*Das ewige Deutschland*: A Alemanha eterna, p. 296.

*fanatische Deutsche*: alemães fanáticos, p. 296.

*Söldner dieser Weltverschwörung einer parasitären Rasse*: mercenários desse complô mundial de uma raça parasitária (era como chamavam os russos e os aliados), p. 279.

*Umbruch*: Revolução, transformação (aparece no sentido de revolver, escavar a terra para afofá-la. Muitos alemães se referiam à ascensão do nazismo como Revolução Alemã), p. 297.

*Verherrlichung der Scholle*: reverenciar o torrão natal, p. 298.

*Weltjudenschaft*: judaísmo mundial, p. 299.

Nome de medidas nazistas para matarem os judeus:

*Deutsche Vorausschau*: prevenção alemã, p. 318.

*Volksverbundene Planwirtschaft*: economia planejada para o povo, p. 318.

Frases e termos comuns durante a Segunda Guerra (exageros e superlativos):

*Die Schlacht im Raum von…:* a batalha ocorreu na região de..., p. 336.

*Die Welt hört auf den Führer*: O mundo escuta o Führer, p. 336.

*großdeutsch*: grande alemão, p. 337

*Großkampftag*: dia da grande batalha, p. 337

*Großkundgebung*: grande manifestação, p. 337

*Großoffensive*: grande ofensiva, p. 337

*großzügig*: magnânimo, p. 337

*Weltfeinde*: inimigos mundiais (os judeus e os bolcheviques), p. 336.

*Weltgeschichte*: história universal, p. 336.

*Welthistorische Stunden*: momentos importantes da história mundial, p.336.

*Weltmacht*: potência mundial (termo usado pelos nazistas para referir-se ao Japão), p. 336.

## Anexo III: Traduções

Yasmin Cobaiachi Utida 28/07/10

Renata Benassi

**Profas. Juliana Perez e Tinka Reichman**

**Die Weiβe Rose – s. 13 – 17**

SCHOLL, Inge. *Die Weisse Rose*: Erweiterte Neuausgabe. Frankfurt. Fischer Taschenbuch Verlag, 2001. p. 26-28

|  |  |
| --- | --- |
| An einem Morgen hörte ich auf der Schultreppe eine Klassenkame- radin zur andern sagen: »Jetzt ist Hitler an die Regierung gekom- men.« Und das Radio und alle Zeitungen verkündeten: »Nun wird alles besser werden in Deutschland. Hitler hat das Ruder ergriffen.«  Zum erstenmal trat die Politik in unser Leben. Hans war damals 15 Jahre alt, Sophie 12. Wir hörten viel vom Vaterland reden, von Kameradschaft, Volksgemeinschaft und Heimatliebe. Das impo- nierte uns, und wir horchten begeistert auf, wenn wir in der Schule oder auf der Straße davon sprechen hörten. Denn unsere Heimat liebten wir sehr, die Wälder, den Fluß und die alten, grauen Stein- riegel, die sich zwischen den Obstwiesen und Weinbergen an den steilen Hängen emporzogen. Wir hatten den Geruch von Moos, von feuchter Erde und duftenden Äpfeln im Sinn, wenn wir an unsere Heimat dachten. Und jeder Fußbreit war uns dort vertraut und lieb. Das Vaterland, was war es anderes als die größere Heimat all derer, die die gleiche Sprache sprachen und zum selben Volke gehörten. Wir liebten es und konnten kaum sagen, warum. Man hatte bisher ja auch nie viele Worte darüber gemacht. Aber jetzt, jetzt wurde es groß und leuchtend an den Himmel geschrieben.  Und Hitler, so hörten wir überall, Hitler wolle diesem Vaterland zu Größe, Glück und Wohlstand verhelfen; er wolle sorgen, daß jeder Arbeit und Brot habe; nicht ruhen und rasten wolle er, bis jeder einzelne Deutsche ein unabhängiger, freier und glücklicher Mensch in seinem Vaterland sei. Wir fanden das gut, und was immer wir dazu beitragen konnten, wollten wir tun. Aber noch etwas anderes kam dazu, was uns mit geheimnisvoller Macht anzog und mitriß. Es waren die kompakten Kolonnen der Jugend mit ihren wehenden Fahnen, den vorwärtsgerichteten Augen und dem Trommelschlag und Gesang. War das nicht etwas Überwältigendes, diese Gemein- schaft? So war es kein Wunder, daß wir alle, Hans und Sophie und wir anderen, uns in die Hitlerjugend einreihten.  Wir waren mit Leib und Seele dabei, und wir konnten es nicht ver- stehen, daß unser Vater nicht glücklich und stolz ja dazu sagte. Im Gegenteil, er war sehr unwillig darüber, und zuweilen sagte er: »Glaubt ihnen nicht, sie sind Wölfe und Bärentreiber, und sie miß- brauchen das deutsche Volk schrecklich.« Und manchmal verglich er Hitler mit dem Rattenfänger von Hameln, der die Kinder mit seiner Flöte ins Verderben gelockt hatte. Aber Vaters Worte waren in den Wind gesprochen, und sein Versuch, uns zurückzuhalten, scheiterte an unserer Begeisterung.  Wir gingen mit den Kameraden der Hitlerjugend auf Fahrt und durchstreiften in weiten Wanderungen unsere neue Heimat, die Schwäbische Alb.  Wir liefen lange und anstrengend, aber es machte uns nichts aus; wir waren zu begeistert, um unsere Müdigkeit einzugestehen. War es nicht großartig, mit jungen Menschen, denen man sonst viel- leicht nie nähergekommen wäre, plötzlich etwas Gemeinsames und Verbindendes zu haben? Wir trafen uns zu den Heimabenden, es wurde vorgelesen und gesungen, oder wir machten Spiele oder Bastelarbeiten. Wir hörten, daß wir für eine große Sache leben sollten. Wir wurden ernst genommen, in einer merkwürdigen Weise ernst genommen, und das gab uns einen besonderen Auftrieb. Wir glaubten, Mitglieder einer großen Organisation zu sein, die alle umfaßte und jeden würdigte, vom Zehnjährigen bis zum Erwachsenen. Wir fühlten uns beteiligt an einem Prozeß, an einer Bewegung, die aus der Masse Volk schuf. Manches, was uns anödete oder einen schalen Geschmack verursachte, würde sich schon geben – so glaubten wir. Einmal sagte eine fünfzehnjährige Kameradin im Zelt, als wir uns nach einer langen Radtour unter einem weiten Sternenhimmel zur Ruhe gelegt hatten, ziemlich unvermit- telt: »Alles wäre so schön – nur die Sache mit den Juden, die will mir nicht hinunter.« Die Führerin sagte, daß Hitler schon wisse, was er tue, und man müsse um der großen Sache willen manches Schwere und Unbegreifliche akzeptieren. Das Mädchen jedoch war mit die- ser Antwort nicht ganz zufrieden, andere stimmten ihr bei, und man hörte plötzlich die Elternhäuser aus ihnen reden. Es war eine unruhige Zeltnacht – aber schließlich waren wir doch zu müde. Und der nächste Tag war herrlich und voller Erlebnisse. Das Gespräch der Nacht war vorläuig vergessen.  In unseren Gruppen entstand ein Zusammenhalt, der uns über die Schwierigkeiten und die Einsamkeit jener Entwicklungsjahre hin- wegtrug, vielleicht auch hinwegtäuschte.  Hans hatte sich einen Liederschatz gesammelt, und seine Jungen hörten es gerne, wenn er zur Gitarre sang. Es waren nicht nur die Lieder der Hitlerjugend, sondern auch Volkslieder aus allerlei Län- dern und Völkern. Wie zauberhaft klang doch solch ein russisches oder norwegisches Lied in seiner dunklen, ziehenden Schwermut. Was erzählte es einem nicht von der Eigenart jener Menschen und ihrer Heimat.  Aber nach einiger Zeit ging eine merkwürdige Veränderung in Hans vor, er war nicht mehr der alte. Etwas Störendes war in sein Leben getreten. Nicht die Vorhaltungen des Vaters waren es, nein, denen gegenüber konnte er sich taub stellen. Es war etwas anderes. Die Lieder sind verboten, hatten ihm die Führer gesagt. Und als er darüber lachte, hatten sie ihm mit Strafen gedroht. Warum sollte er diese Lieder, die so schön waren, nicht singen dürfen? Nur weil sie von anderen Völkern ersonnen waren? Er konnte es nicht einsehen; es bedrückte ihn, und seine Unbekümmertheit begann zu schwinden.  Zu dieser Zeit wurde er mit einem ganz besonderen Auftrag ausgezeichnet. Er sollte die Fahne seines Standorts zum Parteitag nach Nürnberg tragen. Seine Freude war groß. Aber als er zurückkam, trauten wir unseren Augen kaum. Er sah müde aus, und in seinem Gesicht lag eine große Enttäuschung. Irgendeine Erklärung durften wir nicht erwarten. Allmählich erfuhren wir aber doch, daß die Jugend, die ihm dort als Ideal vorgesetzt wurde, völlig verschieden war von dem Bild, das er sich von ihr gemacht hatte. Dort Drill und Uniformierung bis ins persönliche Leben hinein – er aber hätte ge- wünscht, daß jeder Junge das Besondere aus sich machte, das in ihm steckte. Jeder einzelne Kerl hätte durch seine Phantasie, seine Ein- fälle und seine Eigenart die Gruppe bereichern helfen sollen. Dort aber, in Nürnberg, hatte man alles nach einer Schablone ausgerich- tet. Von Treue hatte man gesprochen, bei Tag und Nacht. Was aber war denn der Grundstein aller Treue: zuerst doch die zu sich selbst … Mein Gott! In Hans begann es gewaltig zu rumoren.  Bald darauf beunruhigte ihn ein neues Verbot. Einer der Führer hatte ihm das Buch seines Lieblingsdichters aus der Hand genommen, Stefan Zweigs ›Sternstunden der Menschheit‹. Das sei verboten, hatte man ihm gesagt. Warum? Darauf gab es keine Antwort. Über einen anderen deutschen Schriftsteller, Fritz von Unruh, der ihm sehr gefiel, hörte er etwas Ähnliches. Er hatte aus Deutschland fliehen müssen, weil er für den Gedanken des Friedens eingetreten war.  Hans war schon vor längerer Zeit zum Fähnleinführer befördert worden. Er hatte sich mit seinen Jungen eine prachtvolle Fahne mit einem großen Sagentier genäht. Die Fahne war etwas Besonderes; sie war auf den Führer geweiht, und die Jungen hatten ihr Treue gelobt, weil sie das Symbol ihrer Gemeinschaft war. Aber eines Abends, als sie mit der Fahne angetreten waren, zum Appell vor einem höheren Führer, war eine unerhörte Geschichte passiert. Der Führer hatte plötzlich unvermittelt den kleinen Fahnenträger, einen fröhlichen zwöljährigen Jungen, aufgefordert, die Fahne abzuge- ben.  »Ihr braucht keine besondere Fahne. Haltet euch an die, die für alle  vorgeschrieben ist.«  Hans war tief betroffen. Seit wann das? Wußte der Stammführer  nicht, was gerade diese Fahne für seine Gruppe bedeutete? War sie  nicht mehr als ein Tuch, das man nach Belieben wechseln konnte?  Noch einmal forderte der andere den Jungen auf, die Fahne herauszugeben. Der blieb starr stehen, und Hans wußte, was in ihm vorging und daß er es nicht tun würde. Als der höhere Führer den Kleinen zum drittenmal mit drohender Stimme aufforderte, sah Hans, daß die Fahne ein wenig bebte. Da konnte er nicht länger an sich halten. Er trat still aus der Reihe heraus und gab diesem Führer eine Ohrfeige.  Von da an war er nicht mehr Fähnleinführer. | Numa manhã na escadaria da escola, eu ouvi uma colega dizer à outra: «Agora  Hitler chegou ao governo.« E o rádio e todos os jornais anunciavam: » Agora tudo vai ser melhor na Alemanha. Hitler tomou as rédeas.«  Pela primeira vez, a política entrou em nossas vidas. Hans tinha então 15 anos, Sophie, 12. Nós ouvíamos muito falar em pátria, companheirismo, V*olksgemeinschaft* e amor à terra. Esses conceitos nos impressionaram e nós os escutávamos com bastante entusiasmo, quando ouvíamos falar sobre isso na escola ou na rua; pois amávamos muito nossa terra, as florestas, o rio e os antigos e cinzentos socalcos de pedra, que se erguiam entre pomares e vinhedos nas encostas íngremes. Quando pensávamos em nossa terra, nós tínhamos em mente o aroma de musgo, de terra molhada e fragrância de maçãs. E tínhamos amor e confiança por cada palmo da terra. A pátria se distinguia como um grande espaço que acolhe a todos aqueles que falam a mesma língua e pertencem ao mesmo povo. Nós a amávamos e mal conseguíamos dizer o porquê. Até o momento, poucas palavras foram ditas sobre isso. Mas agora, agora elas eram escritas em letras garrafais e luminosas no céu. E Hitler, nós ouvíamos em toda a parte, Hitler desejava obter ajuda para essa pátria crescer, prosperar e tornar-se feliz; ele se preocupava com que cada um tivesse trabalho e pão; não queria descanso e sossego, até que cada alemão fosse uma pessoa independente, livre e feliz em sua pátria. Nós achamos esses propósitos bons e, como sempre, gostaríamos de poder colaborar, queríamos agir. Mas então, algo diferente veio a partir disso, que nos atraiu e arrebatou com uma força misteriosa. Era a maciça colônia de jovens com suas bandeiras esvoaçantes, as quais conduziam os olhares para frente, a batida de tambor e a canção. Essa sociedade não era algo cativante? Então, não era de se admirar que todos, Hans e Sophie e nós outros, nos alistássemos na Juventude Hitlerista.  Nós nos envolvemos de corpo e alma e não conseguíamos entender por que nosso pai não falava orgulhosa e alegremente sobre a colônia. Pelo contrário, ele estava muito relutante sobre o fato e ocasionalmente dizia: » Não acredite neles, eles são lobos e caçadores de ursos e abusam terrivelmente do povo alemão.« E, às vezes, ele comparava Hitler ao Flautista de Hamelin, que com sua flauta, atraia as crianças à ruína. Mas as palavras de nosso pai eram ditas ao vento, e sua tentativa de nos dissuadir fracassou diante de nosso entusiasmo.  Nós íamos a passeios com os colegas da Juventude Hitlerista e desbravávamos nossa nova terra, a Suábia, uma região montanhosa, em longas excursões.  Caminhávamos muito e exaustivamente, mas não nos importávamos; nós estávamos animados demais para que pudéssemos admitir nosso cansaço. Não era magnífico que, de repente, jovens que talvez nunca tivessem se conhecido fizessem algo unidos em um grupo? Nós nos encontrávamos no alojamento à noite, líamos e cantávamos ou fazíamos jogos ou trabalhos artesanais. Nós ouvíamos que deveríamos viver para algo grandioso. Fomos levados a sério, a sério de uma maneira peculiar, e que nos conferiu um ânimo especial. Nós acreditávamos sermos membros de uma grande organização que abrangia e reconhecia a todos, dos dez anos à idade adulta. Nós nos sentíamos participando de um processo, um movimento surgido da massa popular. Mas, logo aconteceria algo que nos aborreceria ou nos traria um sabor amargo – até então nós acreditávamos. Certa vez na barraca, quando estávamos deitados para descansar depois de um longo passeio de bicicleta sob um amplo céu estrelado, uma colega de quinze anos subitamente disse: » Tudo seria tão lindo – menos a questão com os judeus, a qual eu não engulo.« A líder disse que Hitler sabia bem o que fazia, e todos deveriam aceitar coisas difíceis e incompreensíveis em nome deste algo grandioso. No entanto, a garota não ficou totalmente satisfeita com essa resposta, outros concordavam com ela, e, de repente, reconhecia-se em suas palavras o que era dito em casa. Estava uma noite inquieta na barraca – mas finalmente ficamos cansados demais. E o dia seguinte foi agradável e repleto de acontecimentos. A conversa da noite foi temporariamente esquecida.  Em nosso grupo formou-se uma união, que nos fez superar as dificuldades e a solidão no decorrer de cada ano, talvez nos iludindo também.  Hans reuniu um repertório de músicas e seus jovens gostavam de ouvi-las, quando ele as cantava com o violão. Não havia só canções da Juventude Hitlerista, mas também canções folclóricas de todas as nações e povos. E como soava tão encantadora uma canção em russo ou norueguês em sua voz grave, marcada pela melancolia. O que essas canções contavam não era sobre uma peculiaridade de cada povo e sua terra.  Mas algum tempo depois, ocorreu uma transformação singular em Hans, ele não estava mais tão convicto. Algo perturbador entrou em sua vida. Não eram as proibições do pai, não, ele podia se opor a elas fazendo-se de surdo. Era algo diferente. As canções foram proibidas, tinha-lhe dito o líder. E como ele rira sobre isso, fora ameaçado com castigos. Por que não era permitido cantar essas canções, que eram tão bonitas? Só porque foram idealizadas por outros povos? Ele não podia compreender, isso lhe afligia, e começou a ficar preocupado.  Nessa época, ele foi designado para uma tarefa inteiramente especial. Ele deveria portar a bandeira até sua base na conferência do partido em Nuremberg. Sua satisfação era enorme. Mas quando ele voltou, mal podíamos acreditar em nossos olhos. Ele parecia cansado, e em seu rosto havia um grande desapontamento. Nós não pudemos contar com nenhum esclarecimento. Porém, aos poucos, descobrimos que a Juventude, servida por ele como a um ideal, era totalmente diferente da imagem que ele havia concebido. Lá, treino repetitivo e uniformidade aplicavam-se até em sua vida pessoal – mas ele desejava que cada jovem pudesse tornar-se especial. Cada jovem deveria ajudar o grupo enriquecendo-o com sua imaginação, sua espontaneidade de pensamento e sua personalidade. Lá em Nuremberg, no entanto, as pessoas eram todas enfileiradas como cópias padronizadas. Falava-se de lealdade dia e noite. Mas o que era então a pedra fundamental de toda a lealdade: antes de tudo ser fiel a si mesmo... Meu Deus! Começaram a surgir poderosos rumores em Hans.  Logo, uma nova proibição o inquietaria. Um dos líderes havia tomado de sua mão o livro de seu poeta favorito, Stefan Zweig > Momentos decisivos da humanidade<. É proibido, foi dito a ele. Por que? Sobre isso não recebia nenhuma resposta. Sobre um outro escritor alemão, Fritz Von Unruh, que também lhe agradava muito, ele ouviu algo semelhante. O autor teve que deixar a Alemanha, porque ele defendia o ideal pacifista.  Hans fora promovido líder da patrulha há bastante tempo. Ele costurou com seus jovens uma bandeira esplendorosa com a imagem de um grande animal mítico. A bandeira tinha algo especial; ela era dedicada ao líder e os jovens tinham jurado lealdade a ela, pois era o símbolo de sua comunidade. Mas uma noite, quando eles estavam chegando com a bandeira para uma inspeção militar diante de um líder superior, acontecera uma história inacreditável. De repente, o líder ordenou diretamente a um pequeno porta-bandeira, um animado jovem de doze anos, que entregasse a bandeira.  “Vocês não precisam de uma bandeira especial. Detenham-se no que foi prescrito para todos”  Hans ficou profundamente abalado. Desde quando isso? O líder do grupo não sabia o que essa bandeira significava para o seu grupo? Ela não era mais do que um pano, o qual se pode trocar à vontade?  Mais uma vez, o outro ordenou ao jovem que entregasse a bandeira. Ele ficou paralisado e Hans sabia o que aconteceria e que ele não aceitaria isso. Quando o líder superior ordenou ao pequeno jovem com a voz ameaçadora pela terceira vez, Hans viu que a bandeira tremeu um pouco. Ele não poderia controlar-se por muito tempo. Saiu da fila e deu um tapa nesse líder.  Daí em diante ele não foi mais o líder da patrulha. |

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

Departamento de Letras Modernas

Área de Alemão: Língua, Literatura e Tradução

Celia Nobuko Uehara

Renata Benassi

SCHOLL, Inge. *Die Weisse Rose*: Erweiterte Neuausgabe. Frankfurt. Fischer Taschenbuch Verlag, 2001. p. 26-28

|  |  |
| --- | --- |
| Trotz allem – Hans hatte eine Lebensfreude, die nicht so schnell auszulöschen war. Ja, je dunkler die Welt um ihn wurde, um so heller und stärker entfaltete sich diese Kraft in ihm. Und sie hatte sich sehr vertieft nach dem Erlebnis des Krieges in Frankreich. In so großer Nähe zum Tode hatte das Leben einen besonderen Glanz bekommen.  Hans hatte in jener Zeit ein ungewöhnliches Glück, besonderen Menschen zu begegnen. An einem Herbsttag lernte er Carl Muth, den ergrauten Herausgeber des ‘Hochland’, einer bekannten Zeitschrift, kennen, die von den Nazis verboten worden war. Hans hatte eigentlich nur etwas bei ihm abzugeben. Aber der Alte blickte mit seinen hellen Augen Hans ins Gesicht, und als er ein paar Worte mit ihm gewechselt hatte, lud er ihn ein, bald wiederzukommen. Von da an war Hans häufig sein Gast. Stundenlang konnte er sich mit der riesigen Bibliothek beschäftigen. Hier verkehrten Dichter, Gelehrte und Philosophen. Hundert Türen und Fenster in die Welt des Geistes taten sich ihm im Gespräch mit ihnen auf. Aber er sah auch, daß sie wie Kellerpflanzen in dieser Unfreiheit lebten, und daß sie alle von der einen, großen Sehnsucht erfüllt waren, wieder frei atmen, frei schaffen zu dürfen und ganz wieder sie selbst zu sein.  Auch unter den Studenten traf Hans manchen, der seiner Gesinnung war. Einen fiel ihm unter allen besonders auf durch seine hochgewachsene Gestalt und sein unmilitärisches Benehmen. Das war Alexander Schmorell, der Sohn eines angesehenen Arztes in München. Bald entspann sich zwischen ihnen eine herzliche Freundschaft, die zunächst damit begann, daß sie das sture Kasernedasein mit unzähligen witzigen Einfällen und Streichen auf den Kopf stellten. Shurik - so nannten ihn seine Freunde – sah die Welt mit Augen so voll von Phantasie, als sehe er sie täglich neu und zum erstenmal. Schön fand er sie, originell und voller Witz und Kuriosität. Und er genoß sie in einer großzügigen und kindlichen Lust und fragte und rechnete nicht viel nach. Und genauso, wie er in vollen Zügen nahm, so gab er auch. Er konnte schenken wie ein König. Aber zuweilen schimmerte durch diese Heiterkeit, durch seine freie, ungebundene Lebensart noch etwas anderes, ein Fragen und Suchen, ja ein uralter, tiefer Ernst. Als kleines Kind war er nach der Revolution im Arm einer Kinderfrau mit seinen Eltern aus Rußland ausgewandert. “Und nun bin ich vom Regen in die Traufe gekommen“, sagte Shurik. Ich bin überzeugt, daß die Initiative zu den Widerstandaktionen der Weißen Rose von ihm zusammen mit Hans ausgegangen ist.  Durch Alex gewann Hans noch einen weiteren Freund unter den Studenten. Das war Christl Probst. Hans hatte bald erkannt, daß zwischen ihm und Christl eine innere Verwandtschaft bestand. Die gleiche Liebe zur Schöpfung, dieselben Bücher und Philosophen waren es, die sie beide bewegten. Christl kannte die Sterne und wußte viel von den Steinen und Pflanzen der oberbayerischen Berge, in denen er zu Hause war. Am stärksten jedoch verband Hans mit ihm das gemeinsame Suchen nach dem Einen, das hinter all den Dingen, hinter den Menschen und ihrer Geschichte steht. Christl hing mit großer Verehrung an seinem Vater, der ein feinsinniger Privatgelehrter gewesen war. Vielleicht hat dessen früher Tod viel zu Christls ungewöhnlicher Reife beigetragen. Als einziger der vier Studenten war er verheiratet. Er hatte zwei Söhne im Alter von zwei und drei Jahren. Aus diesem Grunde hatte man ihn später, als der Freundeskreis sich zum aktiven Widerstand entschlossen hatte, bewußt aus den gefährdenden Aktionen wie etwa er Vervielfältigung und Verteilung der Flugblätter herauszuhalten versucht. Zweifellos hatte Christl beim Entwurf und der Formulierung der Texte eine wichtige Rolle gespielt.  Später gesellte sich noch ein vierter hinzu: Willi Graf, ein blonder, großer Saarländer. Ein ziemlich schweigsamer Kerl war er, bedächtig und in sich gekehrt. Als Hans ihn näher kennenlernte, wurde ihm bald klar, daß Willi zu ihnen gehörte. Auch Willi Graf beschäftigte sich intensiv mit Fragen der Philosophie und Theologie. Sophie schilderte ihn:“Wenn er etwas sagt, in seiner gründlichen Art, so hat man den Eindruck, als habe er es nicht eher aussprechen können, bis er sich mit seiner ganzen Person dazu stellen konnte.Deshalb wirkt alles an ihm so sauber, echt und zutiefst zuverlässig.“ Willis Vater, Direktor einer Weingroßhandlung war es gewohnt, daß sein Sohn seinen eigenen Weg ging. Schon früh hatte er sich einer sehr lebendigen katholischen Jugendgruppe angeschlossen, und die Verhaftungswelle, die im Jahre 1937 Hans erfaßte, hatte auch Willi zu spüren bekommen, Nun studierte er , wie Christl, Alex und Hans, Medizin.  Oft traten sie sich nach einem Konzert in einer italienischen Weinstube. Sehr bald fühlten sie sich in Hans’Bude oder bei Alex zu Hause. Sie machten sich gegenseitig auf Bücher aufmerksam, lasen etwas vor, diskutierten, oder sie verfielen plötzlich in einen tollen Übermut und erfanden allen möglichen Unsinn. Phantasie, Humor und Lebenslust mußten sich einfach manchmal Luft machen. | Apesar de tudo, Hans possuia uma alegria de viver que não se apagaria tão rápido. Sim, quanto mais o mundo enegrecia ao seu redor, mais clara e forte mostrava-se a força dentro dele. E ela se tornou mais forte depois da experiência da guerra na França. Estar próximo da morte fez a vida receber um brilho especial.  Naquele tempo, Hans tinha uma sorte extraordinária para encontrar pessoas singulares. Em um dia de outono, ele conheceu Carl Muth, o editor grisalho da ’Hochland’, uma revista conhecida, que havia sido proibida pelos nazistas. Na verdade, Hans tinha apenas que entregar algo a ele. Mas o velho fitou Hans, com seus olhos claros, e após trocar algumas palavras com ele, convidou-o a retornar em breve. A partir de então Hans o visitava regularmente. Ele podia ficar horas a fio na enorme biblioteca. Aqui circulavam poetas, sábios e filósofos. Centenas de portas e janelas do mundo da sabedoria abriram-se para ele a partir de suas conversas com eles. Mas Hans também percebeu que eles viviam como plantas de porão nessa servidão, e todos possuiam um grande desejo de respirar livres novamente, livres para criar e ser novamente eles mesmos.  Entre os estudantes Hans também encontrou alguns que pensavam como ele. Um deles chamou mais a sua atenção, pela sua figura alta e seu comportamento não militar. Era Alexander Schmorell, filho de um conceituado médico em Munique. Em pouco tempo fez-se uma amizade sincera entre os dois, que começou com as incontáveis brincadeiras e canções divertidas que colocavam o duro tempo de quartel de ponta cabeça. Shurik, assim chamado pelos amigos, via o mundo com olhos cheios de fantasia, como se o visse todos os dias pela primeira vez. Ele achava o mundo belo, original, cheio de graça e curiosidade. E ele o desfrutava com um prazer infantil e generoso, e não questionava. E da mesma forma se deixou levar como uma folha ao vento.Ele podia doar como um rei. Mas ocasionalmente, através dessa serenidade e de seu modo de viver tão livre e descompromissado, vislumbrava uma outra coisa, uma pergunta e uma busca, uma seriedade profunda e antiga. Quando criança, emigrou com seus pais, da Rússia, no colo de uma enfermeira após a Revolução. “Agora saí da chuva e estou sob uma goteira“, dizia Shurik. Estou convencido que a iniciativa dos atos de resistência da Rosa Branca partiram dele e do Hans.  Através de Alex, Hans ganhou mais um amigo entre os estudantes, Christl Probst. Hans reconheceu imediatamente que entre os dois havia uma afinidade “interior“. O mesmo amor pela criação, os mesmos livros e filósofos os comoviam. Christl conhecia as estrelas e sabia muito sobre as pedras e plantas das montanhas da alta Bavária,onde se sentia em casa. Porém, o sentimento mais forte que os unia era a busca em comum pelo “Um“, que se encontrava em todas as coisas, no homem e na sua história. Christl tinha uma grande admiração por seu pai, um professor particular com grande sensibilidade. Talvez sua morte prematura tenha contribuído para seu amadurecimento incomum. Dos quatro estudantes, Christl era o único casado. Tinha dois filhos na idade de dois e três anos. Por esse motivo, os amigos tinham decidido colocá-lo apenas mais tarde como ativista da resistência, conscientes do perigo das atividades, como a impressão e distribuição dos panfletos. Sem dúvida Christl desempenhou um papel muito importante no rascunho e elaboração dos textos.  Mais tarde, juntou-se uma outra pessoa: Willi Graf, um rapaz louro e alto de Saarland, relativamente discreto, sensato e introspectivo. Quando Hans o conheceu mais de perto, ficou claro para ele que Willi pertencia ao grupo. Willi Graf também se ocupava intensamente com questões sobre filosofia e teologia. Sophie o descreveu assim: “Quando ele fala com seu jeito minucioso,dá a impressão de que ele não pode falar antes se identificar-se plenamente com o que diz. Por isso, tudo funcionava para ele tão perfeita, autêntica e confiavelmente”. O pai de Willi, diretor de um atacado de vinho, já estava acostumado com a idéia de seu filho seguir o próprio caminho. Logo cedo associou-se a um grupo de jovens católicos bem dinâmico, e ele passou pela mesma onda de prisão em 1937 que Hans. Agora estudava Medicina, como Christl, Alex e Hans.  Frequentemente encontravam-se em uma cantina italiana. E rapidamente sentiam-se no alojamento do Hans ou na casa de Alex. De modo recíproco se concentravam nos livros, liam juntos, discutiam ou repentinamente caiam em uma grande animação e inventavam todas as tolices possíveis. Às vezes, fantasia, humor e vontade de viver deveriam simplesmente trazer um pouco de alívio. |

1. **Gauleiter** é a denominação alemã para um líder provincial. Por exemplo no caso do Terceiro Reich gauleiter seria o virtual prefeito que tinha como objetivo denunciar problemas e sucessos das práticas ali aplicadas. http://pt.wikipedia.org/wiki/Gauleiter. [↑](#footnote-ref-1)
2. As Leis de Nuremberg foram um marco das políticas anti-semitas da Alemanha. Elas estipulavam que nenhum judeu podia ser considerado alemão e não podia trabalhar legalmente no país, nem se relacionar com seus cidadãos. [↑](#footnote-ref-2)
3. Definição do dicionário Houaiss. Referência completa no final do trabalho [↑](#footnote-ref-3)
4. A letra completa desta canção encontra-se no site <http://freiburger-anthologie.ub.uni-freiburg.de/fa/fa.pl?cmd=gedichte&sub=show&noheader=1&add=&id=468> [↑](#footnote-ref-4)
5. **Gauleiter** é a denominação alemã para um líder provincial. Por exemplo no caso do Terceiro Reich gauleiter seria o virtual prefeito que tinha como objetivo denunciar problemas e sucessos das práticas ali aplicadas. http://pt.wikipedia.org/wiki/Gauleiter [↑](#footnote-ref-5)